

# BOWWIE DE PAPEL

Gustavo Damin

**Trabalho de Conclusão de Curso**  
**Bacharelado em Design Gráfico**

# **BOWIE** **DE PAPEL**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação  
Departamento de Design

**Gustavo Damin Segundo da Silva**  
Orientação Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fernanda Henriques

**Bauru, Junho 2018**



*Dedico este trabalho à Rafa, que foi a primeira a ouvir e acreditar nessa ideia.*

# Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente a minha mãe e minha avó, pois sem seu apoio, este projeto e minha jornada por essa graduação não seriam possíveis.

Agradeço também a Ferdi, minha orientadora e amiga, que sempre foi tão paciente comigo e me ajudou a enxergar os melhores caminhos.

Agradeço a professora Cassia e todos os meus colegas do Inky Design, que me ensinaram um bocado, e que me aturaram falando minhas bobagens todas as manhãs.

Aos professores com quem tive o prazer de ter aula, na Unesp e na Kwantlen, que foram tão importantes na minha formação como profissional de design.

Obrigado aos meus amigos queridos que me ajudaram diretamente ao longo das etapas desse projeto: Monique, João, Victor e Boça. Agradeço também a todos os outros amigos que se tornaram minha família em Bauru, que foram solícitos ao me oferecerem suporte, e que me ajudaram a manter a sanidade durante os meus altos e baixos.

Obrigado a Valéria e a família Calandrin, que além da ajuda nesse projeto, sempre tiveram as portas abertas para mim e são como uma segunda família.

Obrigado ao meu pai, por ter me apresentado a obra que inspirou esse trabalho. Agradeço também aos meus tios, tias, e minha avó paterna.

E obrigado ao David Bowie, por ter ajudado a deixar o mundo um lugar mais estranho e mais divertido de se viver.

## Resumo

Com o avanço da tecnologia, inúmeras técnicas têm surgido para ilustração e para produção de conteúdo imagético em geral. Não obstante, alguns processos tradicionais, desenvolvidos e usados há séculos, continuam fortes e renovam-se constantemente, seja pelo desenvolvimento de novos materiais, seja pelo crescente nível de expertise atingido pelos artistas, devido ao intenso compartilhamento de informações. Uma das técnicas que se encaixa nessa categoria, e a escolhida para realizar esse projeto, é a confecção de artes tridimensionais utilizando papel cortado, também conhecida como *paper sculpture* (escultura de papel) ou *tactile design* (design tátil). O presente projeto, denominado “Bowie de Papel”, buscou representar alguns dos pontos principais da carreira e legado do músico britânico David Bowie. Bowie, em seus mais de 50 anos de carreira, revolucionou a música e a cultura pop diversas vezes, criando um imagético icônico que foi terreno fértil para a criação das ilustrações. A diversidade de sua obra foi aqui representada pela diversidade de técnicas e estilos aplicados de maneira experimental em cada ilustração.

*Palavras-chave: David Bowie; Escultura de papel; Design tátil*

# Sumário

<b>Introdução</b> . . . . .	<b>7</b>	<b>Desenvolvimento</b> . . . . .	<b>21</b>	<b>Considerações Finais</b> . . . . .	<b>73</b>
David Bowie e suas muitas facetas . . . . .	9	Conceito . . . . .	22	<b>Créditos de Imagens</b> . . . . .	<b>75</b>
O papel e seus usos . . . . .	10	Metodologia de Criação . . . . .	24	<b>Referências Bibliográficas</b> . . . . .	<b>76</b>
<b>Referências</b> . . . . .	<b>11</b>	Space Oddity . . . . .	31		
Rafa Miqueleto . . . . .	13	Ziggy Stardust. . . . .	36		
John Ed De Vera . . . . .	14	As The World Falls Down . . . . .	42		
Nicole Aptekar . . . . .	15	Fashion . . . . .	49		
Carlos Meira . . . . .	16	Heroes. . . . .	57		
<b>Pré-desenvolvimento</b> . . . . .	<b>17</b>	Changes . . . . .	63		
Materiais . . . . .	18	Blackstar. . . . .	64		
Formato. . . . .	20	Logo . . . . .	71		

*Navegue pelo documento clicando nos itens do sumário.*

*Se quiser retornar ao índice, basta clicar neste marcador, presente no rodapé de cada página.*



# Introdução

Sendo filho de pais divorciados, durante minha infância tive de alternar meus fins de semana entre ficar com a minha mãe, na casa onde eu morava, e ir para a casa do meu pai, que não era muito bem sucedido em cativar minha atenção. Porém, os intermináveis dias sem nada pra fazer em sua casa moldaram minha personalidade e gostos pessoais mais do que eu gostaria de admitir.

Passei a encontrar maneiras de me entreter por conta própria, como a leitura e *video games*, que se tornaram gostos que me acompanham até hoje. Um hábito, no entanto, veio de uma influência direta de meu pai: o gosto por bandas de *rock* das décadas de 1970 a 1990.

Ouvir músicas, e ouvi-lo falar sobre elas, era uma das raras atividades em que conseguíamos estabelecer alguma conexão, e um dos músicos de seu repertório sempre me chamava a atenção: o multifacetado David Bowie.

Havia algo nas músicas de Bowie que me cativava desde criança, e conforme fui ficando mais velho, descobri sua grande importância cultural, o que o tornou uma figura ainda mais interessante para mim. Ter isso em meu repertório sem dúvida me influenciou enquanto designer, e a faculdade me ajudou a apreciá-lo de maneira ainda mais profunda, pois hoje em dia consigo compreender muito melhor os aspectos culturais de uma obra.

Para meu projeto final, decidi que queria explorar os vários aspectos que tornam David Bowie uma figura tão influente, e contar um pouco dessa história para um público que, em geral, teve contato com suas obras de uma forma ou de outra durante a vida, mas possui um conhecimento bem superficial sobre as mesmas. Para tal, percebi que seria inevitável recorrer a ilustração em meu trabalho. Mas como faria isso?

Durante minha graduação, negligenciei a prática de ilustração, pois convenci a mim mesmo que não levava jeito para desenhar e que talvez eu conseguisse ser um bom designer sem isso, como vários já provaram ser possível. No entanto ainda mantive gosto pela coisa e ocasionalmente me vi obrigado a ilustrar para alguns trabalhos, sem muita confiança.

Nos últimos anos comecei a dar mais atenção a uma vertente que anda muito popular no mercado: a de artistas que ilustram esculpindo materiais “de verdade”, como massa de modelar, papel, ou literalmente qualquer outra coisa ao alcance das mãos. No mundo da arte, obviamente, essa prática não tem nada de nova, porém, por muitos anos, o mercado de ilustração se viu dominado por trabalhos feitos inteiramente com técnicas digitais. O que notamos agora é que a presença cada vez menor de barreiras técnicas está resultando em um forte ressurgimento de métodos analógicos para a produção

de conteúdo imagético, combinados ou não com as facilidades do ferramental digital.

Essa perspectiva me deixou muito mais animado a voltar a me arriscar nesse meio, pois gosto muito de trabalhos mais manuais, e acredito que o fator tátil do acabamento, o realismo das texturas e as pequenas imperfeições causadas por mãos humanas podem ser enriquecedores para uma ilustração.

Tendo isso em mente, comecei a coletar referências e decidi que, para meu projeto de conclusão de curso, faria uma série de ilustrações, compostas inteiramente por papéis cortados à mão, inspiradas na vida e obra de David Bowie. As artes, que compõem o projeto **Bowie de Papel**, serão expostas na universidade para que o público tenha a oportunidade de vê-las com toda a sua tridimensionalidade.

## David Bowie

e suas muitas faces

David Bowie é uma das figuras mais facilmente reconhecíveis da cultura popular ocidental. Tal conquista se dá por ele ser muito mais do que apenas um músico. Ele era um artista multifacetado que não conseguia ficar fazendo a mesma coisa por muito tempo.

A carreira de Bowie foi repleta de reviravoltas, e sua capacidade para se reinventar parecia interminável. Teve sucesso como ator, foi artista plástico, roteirista e produtor de teatro.

Extremamente atraído pelo espírito transgressor presente no meio *queer*, Bowie também foi uma importante figura no cenário das discussões sobre gênero e liberdade sexual já na década de 1970. Declarou-se bissexual numa época em que tais assuntos eram tabu. Seus figurinos andróginos, maquiagem pesada e flertes no palco causavam furor em um público que estava começando a se desencilhar do modo de pensar conservador.

Além de sempre mudar seu jeito de fazer música, Bowie também renovava sua estética a cada

etapa de sua vida. Isso trouxe uma riqueza muito grande, também no que tange a estética, para sua obra. Esse último aspecto o torna um objeto de estudo favorável para as áreas de design, moda e cultura em geral.

## O papel e seus usos

O papel foi inventado por T'sai Lun, na China, no ano 105 d.C. Na época, feito artesanalmente a partir de uma mistura de fibras vegetais, o papel permaneceu como um monopólio chinês por centenas de anos, até que outros povos conseguissem descobrir os meios para produzi-lo.

A prática de cortar materiais finos para criar ornamentos, que hoje é feita majoritariamente com papel, e que chamamos de *paper-cutting*, pode ter surgido bem antes. Evidências apontam que no século III a.C tal técnica já era feita com materiais como folhas, couro, tecidos e até mesmo folhas de prata.

Quando descobriu-se o quão fácil era de se trabalhar com papel, ele rapidamente se tornou o material preferido para essa forma de arte. Essa prática foi transmitida por gerações, e até hoje é uma expressão artística presente na cultura tradicional chinesa.

No entanto, com o rápido avanço da tecnologia nas últimas décadas, os ditos meios artísticos “analógicos” perderam muito espaço para as técnicas digitais, principalmente no meio comercial.

Em resposta a isso, muitos artistas têm voltado a apostar em técnicas da era pré-digital, por serem esteticamente interessantes e pelo fator tátil que adicionam ao produto final. Tais técnicas, como o *paper-cutting*, podem hoje ser combinadas com as comodidades que os *softwares* modernos nos oferecem. A progressão natural é termos uma crescente variedade de opções para a expressão artística, conforme a tecnologia avança e antigas técnicas são reinventadas.

Além do aspecto artístico, o papel ainda possui uma função importante na sociedade, embora para muitos possa parecer obsoleto. Naturalmente veremos sua presença diminuir cada vez mais, mas dificilmente o papel desaparecerá de vez. Talvez se torne apenas um produto de nicho, ou passe a ser encarado apenas como material artístico. De qualquer forma, o papel ainda está longe de morrer.

# Referências



*Arte de Carlos Meira*

Para coletar referências na área de paper sculpture fiz muita pesquisa nos sites Behance – uma das maiores plataformas de portfólios do mundo, e Pinterest – uma rede que reúne imagens de diversos *sites* e as categoriza por temas. No entanto minha principal fonte foi, sem dúvida, o Instagram – a rede social para celulares focada em compartilhamento de fotos e vídeos que tem tido forte aderência de artistas e designers.

Em dezembro de 2017, quando eu ainda estava no início do meu trabalho, o Instagram lançou uma ferramenta que se tornou essencial para o andamento do meu projeto: passou a ser possível **seguir *hashtags***. Como o nome sugere, com ela você pode seguir determinadas *hashtags*, da mesma forma que se faz com usuários, para que posts relevantes apareçam no seu *feed*. A primeira coisa que fiz foi seguir **#paperart** e pronto; todos os dias, enquanto casualmente olhava minha rede social favorita, eu recebia algumas artes no meu *feed*, o que ao longo de meses fez com que eu descobrisse muitos *paper artists* (como se auto-categorizam) que

passei a seguir na rede para acompanhar mais de perto seu trabalho e processo de criação.

O Instagram também permite que posts de terceiros sejam salvos em pastas secretas, e com isso pude criar uma coletânea de referências que consulto regularmente. Graças a isso, descobri grande número de possibilidades a serem exploradas com o papel.

## Rafa Miqueleto

É justo dizer que quando descobri o trabalho de Rafa Miqueleto, em outubro de 2017, foi o momento em que pensei “Isso é muito legal e eu quero aprender a fazer! Meu TCC devia ser algo assim”. Pouco depois desisti do meu projeto anterior e cá estamos.

Rafa é apaixonado por trabalho manual e tem 10 anos de experiência com *paper art*. Atualmente é diretor de criação do Estúdio Mol, em São Paulo. Suas ilustrações têm um expressivo uso de cores e composições extremamente fluídas.

Quando eu estava bem no início desse projeto, mandei uma mensagem para ele em seu Instagram perguntando sobre os materiais que usava e ele foi solícito.

**Figuras 1 a 4**

Fonte: <http://rafamiqueleto.com/work>



Fig. 1



Fig. 2

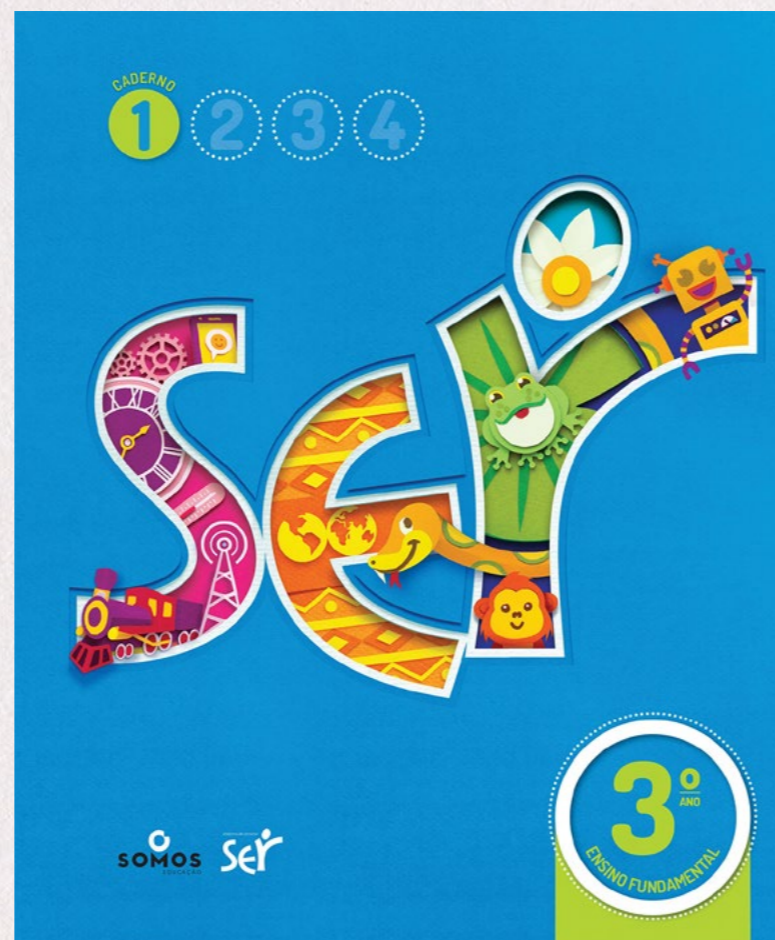


Fig. 3



Fig. 4

## John Ed De Vera

John Ed é designer e diretor de arte na cidade de Manila, nas Filipinas. Seu trabalho é cheio de uso experimental de caligrafia, tipografia e, é claro, artes com papel. Se o trabalho de Rafa Miqueleto foi o que me chamou atenção para esse universo, o de John Ed foi o que guiou meu senso estético e a maneira como tentei trabalhar cores, formas, camadas e texturas no meu projeto.

Fig. 5



Fig. 6



Fig. 8

Fig. 7



Figuras 4 a 8

Fonte: <http://johned.co>

## Nicole Aptekar

Estabelacida em São Francisco, Califórnia, Nicole tem um trabalho singular e que me inspirou muito na criação da arte “Fashion”, que faz parte desse projeto e sobre a qual falarei mais à frente. Ela usa formas básicas em composições complexas, cuidadosamente montadas, criando um efeito de tridimensionalidade que tange o incompreensível. Tanta precisão em suas artes só é possível porque ela cria as composições no computador e corta os papéis com *laser*. Nicole é fascinada em explorar os limites entre o digital e o feito a mão.

**Figuras 9 a 12**

Fonte: <https://www.instagram.com/nicole.aptekar/>



Fig. 9



Fig. 10

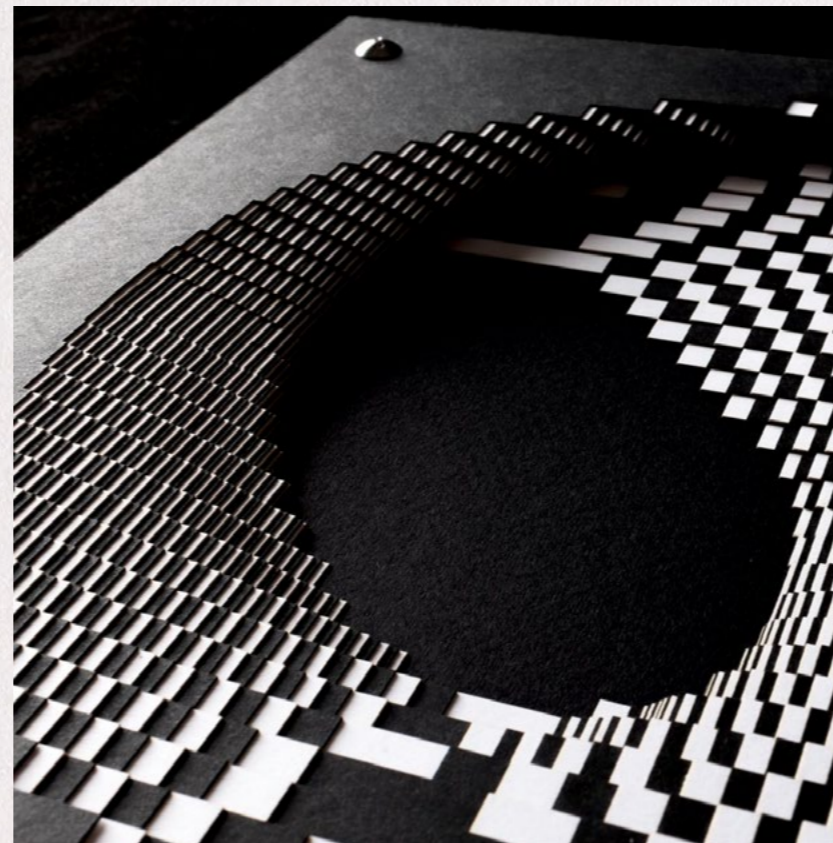


Fig. 11



Fig. 12

## Carlos Meira

Veterano da *paper sculpture* no Brasil, Carlos Meira é um designer, diretor de arte e ilustrador natural do Rio de Janeiro. Carlos começou a explorar as ilustrações com papel já nos anos 1990, e todos esses anos de experiência são sem dúvida refletidos na qualidade de seu trabalho. Com sua técnica única, ele cria tridimensionalidade em suas obras arredondando as extremidades de cada peça de papel cortada, um efeito que não vi nenhum outro artista alcançar em minhas pesquisas. O resultado é tão impressionante que, num primeiro olhar, é impossível ter certeza que se trata de algo feito de papel.



Fig. 13



Fig. 14



Fig. 15



Fig. 16

**Figuras 13 a 16**

Fonte: <https://www.behance.net/carlosmeira>



Pré-desenvolvimento

## Materiais

**Tendo em mãos a vasta obra de David Bowie, com inúmeros pontos culturalmente relevantes, os primeiros desafios seriam decidir sobre o que eu queria falar, e como eu faria isso.**

Primeiramente, teria que descobrir quais materiais seriam melhores para minha empreitada. Decidi, então, pegar um atalho e perguntar a Rafa Miqueleto que papéis ele usava. Em nossa breve conversa ele me revelou que os papéis que usava eram a linha Mi-Teintes, da Canson. Percebi pela textura nas fotos que a maioria dos paper artists que eu tinha como referência usavam o mesmo tipo de papel que ele, e em minhas pesquisas, descobri vários motivos para isso.

Essa linha de papéis apresenta uma gama de 50 cores, e por ser tingido na polpa durante a fabricação, ao cortar o papel não somos surpreendidos por bordas brancas que prejudicariam o acabamento. Além disso, o Canson Mi-Teintes possui 160 g/m<sup>2</sup> de peso/espessura e teor de algodão de mais de 50% em sua composição, o que o torna muito resistente, durável e com uma textura extremamente agradável, tanto visualmente quanto ao toque.

Também perguntei a Rafa Miqueleto o que ele usava para fazer os calços entre as camadas, o que é o grande segredo da tridimensionalidade

nas esculturas de papel. Aparentemente a esmagadora maioria de *paper artists* usa a mesma coisa, mas por alguma razão eu não conseguia encontrar essa informação em lugar nenhum. Ele me respondeu que usava pedaços de *foam board*, o que fazia todo sentido.

O *foam board* é um material com o qual eu já estava familiarizado. Trata-se de uma placa de espuma de PVC rígida, revestida com papel em ambos os lados. Está disponível nas cores preto e branco, e pode ser comprada em diversos tamanhos, de A3 a até mesmo A0. Por ser feito de espuma, o *foam board* é leve, durável, e de fácil corte e manuseio. As peças são fáceis de colar por conta de seu revestimento de papel.

Essas informações sobre o Canson Mi-Teintes e o *foam board* me pouparam do que seria um longo (e caro) processo de testes para descobrir o que seria mais apropriado usar em meu projeto. Decidi que usaria o *foam board* não só para os calços entre camadas, mas também como base para sustentar todas as artes. Ele apresenta inúmeras vantagens

sobre as outras opções viáveis que eu tinha, que seriam o papelão – que é muito suscetível à dobras e amassados, ou o papel paraná – que é pesado, difícil de cortar e não é muito confiável para ser usado com colas escolares comuns.

Decidida minha matéria-prima principal, viajei a São Paulo, onde há muitas papelarias grandes que oferecem materiais artísticos mais específicos, por preços mais convidativos. Quis comprar os materiais pessoalmente, e não online, pois assim poderia analisar melhor as cores, texturas e tamanhos disponíveis. Tive que estimar a quantidade de materiais puramente por instinto, pois nunca tinha feito nada igual antes e não sabia o quanto iria usar. Posteriormente me vi surpreso do quão precisos (ou sortudos) foram meus cálculos, pois a quantidade de papel que comprei serviu perfeitamente para tudo que fiz.

Tive uma desagradável surpresa ao chegar na papelaria ao descobrir que a vasta gama de 50 cores da Canson não estava toda disponível. De fato eles possuíam muitas cores, mas longe de ter todos os tons que eu precisaria. No entanto, ao olhar pelas prateleiras percebi que havia papéis de uma outra marca, chamada Fedrigoni Brasil Papéis, e esta sim tinha muitas cores disponíveis.

Ao me deparar com os papéis da Fedrigoni, com suas cores vivas (até mesmo mais que as da

Canson), alguns metalizados, e com excelente qualidade, me perguntei por que essa não era a marca queridinha dos *paper artists*, em vez da Canson. Mais tarde descobri que os papéis da Fedrigoni não são tão fáceis de se cortar com estilete quanto os da linha Mi-Teintes. Além disso, sua textura lisa e, em alguns casos, efeitos metálicos, não faziam muita diferença em fotografias. Tendo em vista que a maioria dos artistas hoje vive da divulgação do seu trabalho na internet, por meio de fotos, a predileção pelo Canson Mi-Teintes faz total sentido. Naquele momento, porém, os papéis da Fedrigoni foram como uma salvação para mim, então comprei de ambas as marcas.

De São Paulo eu trouxe papéis tamanho A2 em 22 cores diferentes, placas pretas e brancas de foam board tamanho A1, uma base de corte tamanho A2, um estilete de precisão da marca X-Acto com algumas lâminas adicionais, algumas canetas Posca, uma régua de metal de 60cm e uma lata de cola spray. Tinha tudo o que era preciso para começar.

## Formato

Tendo em vista que meu plano sempre foi fazer artes que seriam não apenas fotografadas para serem usadas no digital, como também expostas na universidade, queria que elas fossem de um tamanho consideravelmente grande. O tamanho grande também facilitaria meu trabalho de certa forma, pois haveria menos peças miúdas a serem cortadas, porém não poderia ser grande demais pois gastaria muito material, o que tornaria o projeto ainda mais caro e passível de atrasos, caso uma nova compra de materiais se fizesse necessária.

O tamanho A2, que era o padrão da maioria das folhas coloridas que comprei, me parecia perfeito para servir de base, no entanto não quis me prender a um formato específico, pois bem cedo no projeto eu decidi que cada arte teria as proporções e medidas que eu julgasse necessárias de acordo com meus conceitos. Em todas as artes eu parti do formato A2 e então ajustei caso a caso. Essa falta de padronização foi extremamente benéfica para a variedade de minhas composições.

# Desenvolvimento



## Conceito

Nessa etapa, fiz muitas pesquisas sobre a vida e obra de David Bowie, a fim de descobrir quais aspectos poderiam ser abordados de uma maneira interessante, sem ser uma pura repetição do que centenas de outros ilustradores já fizeram. Algo que quis evitar, por exemplo, era dedicar alguma ilustração à maquiagem em forma de raio cortando o rosto, que Bowie usou na icônica capa de Aladdin Sane, pois essa seria a referência mais óbvia possível e dificilmente eu conseguiria criar algo muito original a partir dela.

Bowie era conhecido por criar **personas** para representar as inúmeras mudanças estilísticas e temáticas que teve ao longo de sua carreira. Esses personagens tinham visuais e personalidades bastante distintos, o que pareceu um ótimo ponto de partida. Logo, a primeira ideia que tive foi criar uma arte para cada uma dessas personas, porém, após alguma reflexão, desisti dessa ideia, pois concluí que essa abordagem engessaria muito meu processo criativo. Eu fatalmente me veria obrigado a representar as personas de uma maneira mais literal em todas as artes, e haveria menos margem para interpretação.

Outra abordagem que pensei foi a de criar artes inspiradas pelas fases que ele teve em sua carreira, ou seja, os estilos musicais pelos quais ele passou, o que reduziria muito o número de artes que eu teria que fazer.

Com o tempo fui maturando essa ideia até que cheguei à conclusão que devia simplesmente pegar alguns aspectos chave da carreira dele e, associados com a estética da época em que se passaram, criar as artes em cima disso, sem ser muito formulado ou rígido sobre o que ou não eu deveria abordar.



**Figura 17:** Capa do álbum *Aladdin Sane*, 1973.

Fonte: <https://www.davidbowie.com>

Tendo isso em mente, concluí que sete artes seriam o ideal para a narrativa que me propuz a fazer, sendo cada uma delas inspirada em:

- A canção “**Space Oddity**”, seu primeiro *single* de sucesso;
- “**Ziggy Stardust**”, a mais popular de suas personas;
- “**As the World Falls Down**”, canção composta para o filme “Labirinto”, filme no qual interpretou Jareth, O Rei dos Góblins, um dos personagens mais lembrados dentre os filmes em que atuou;
- “**Fashion**”, que além da canção de mesmo nome, destaca sua influência no mundo da moda;
- “**Heroes**”, uma de suas canções mais queridas e que foi parte da “Trilogia de Berlin”, álbuns que compôs enquanto vivia na capital alemã;
- “**Changes**”, uma música que fala sobre mudanças, algo que representa a inquietude de Bowie quanto à estagnação;
- “**Blackstar**”, seu último álbum lançado em vida, que foi um prenúncio de sua própria morte.



**Figura 18:** Alguns dos visuais e personagens que Bowie criou durante sua carreira.

Fonte: <https://www.vox.com/a/bowie-sortable>

# Metodologia de criação

**Para a confecção de todas as artes, criei um sistema a ser seguido consistentemente, apenas com algumas alterações pontuais de acordo com as particularidades de cada ilustração. As etapas do meu processo são as seguintes:**

## **1. Conceituação e sketches**

Tendo em mente o tema da arte, *sketches* são criados à exaustão até que eu chegue em um conceito que julgue satisfatório. Aqui são decididas as formas básicas que vou utilizar e o formato da ilustração como um todo.

## 2.Vetorização

Após tirar uma foto do *sketch* escolhido, abro-a no *software* Adobe Illustrator, onde a vetorizo. Quando os *sketches* são mais vagos, um pouco mais de criação é exigida nessa etapa. Nos *sketches* mais detalhados o trabalho de vetorização é um pouco mais simples.

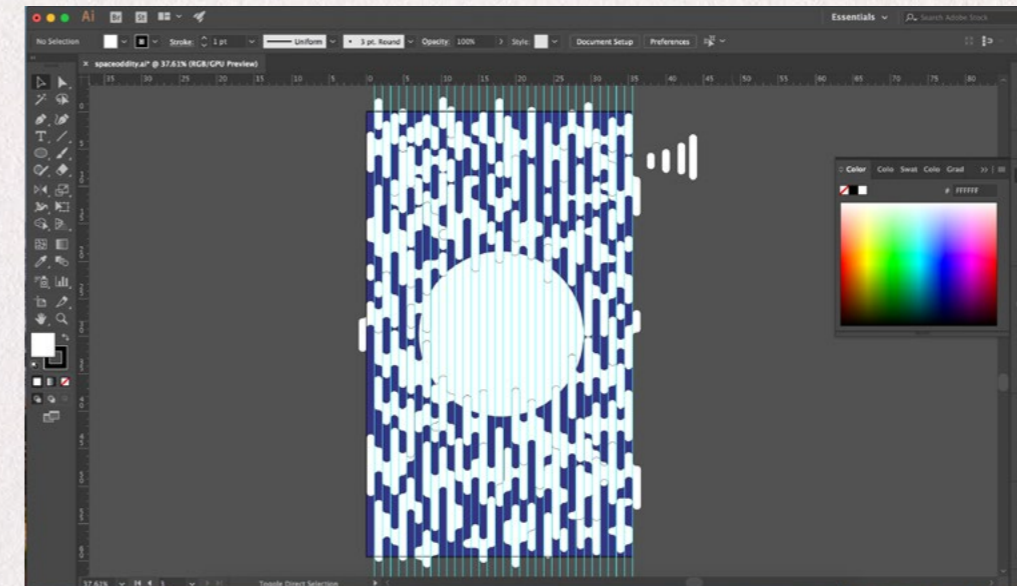
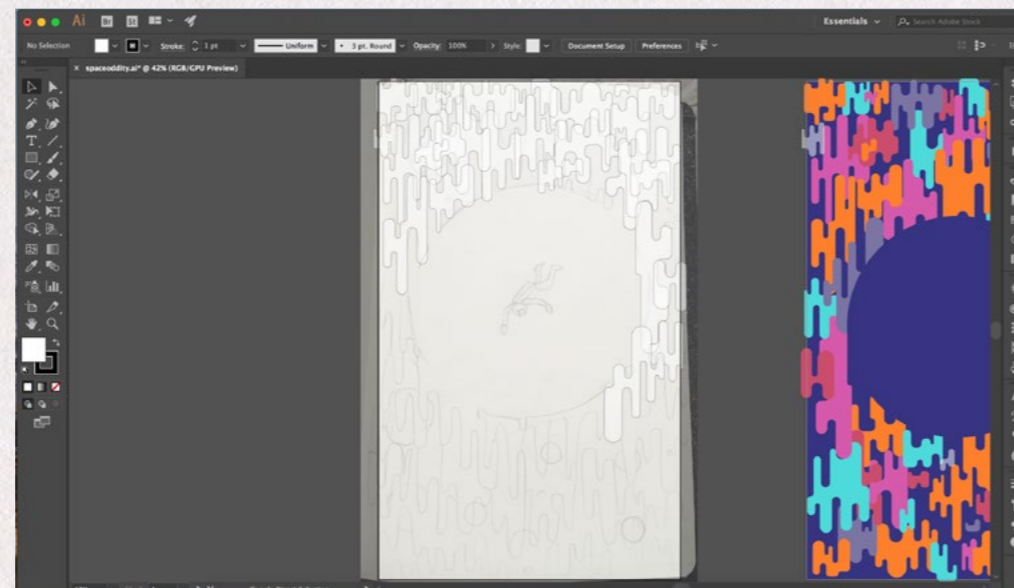
A vetorização nessa etapa é um pouco diferente da que é feita comumente, na qual apenas a aparência superficial da ilustração é levada em conta. Aqui preciso ser cuidadoso com as formas mesmo nas partes que serão sobrepostas e, portanto, escondidas pelas camadas mais à frente. O motivo é que cada peça de papel terá o exato formato da camada da ilustração vetorial, logo tenho que prever como as camadas vão interagir e me certificar que é tudo fisicamente possível e viável no mundo real.

Após completar a vetorização, eu espelho a ilustração, deixo o *outline* (contorno) como uma linha preta bem fina com preenchimento branco, “explodo” a ilustração e divido suas partes, colando-as em outro arquivo, em várias páginas tamanho A3, que exporto como um arquivo pdf.

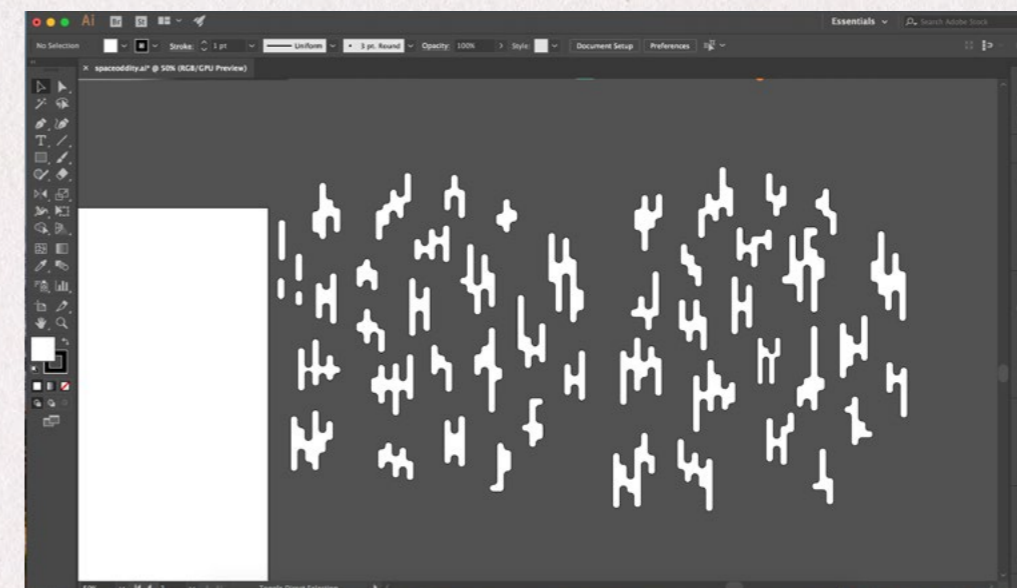
**Figuras 19 a 22:**

*Processo de vetorização.*

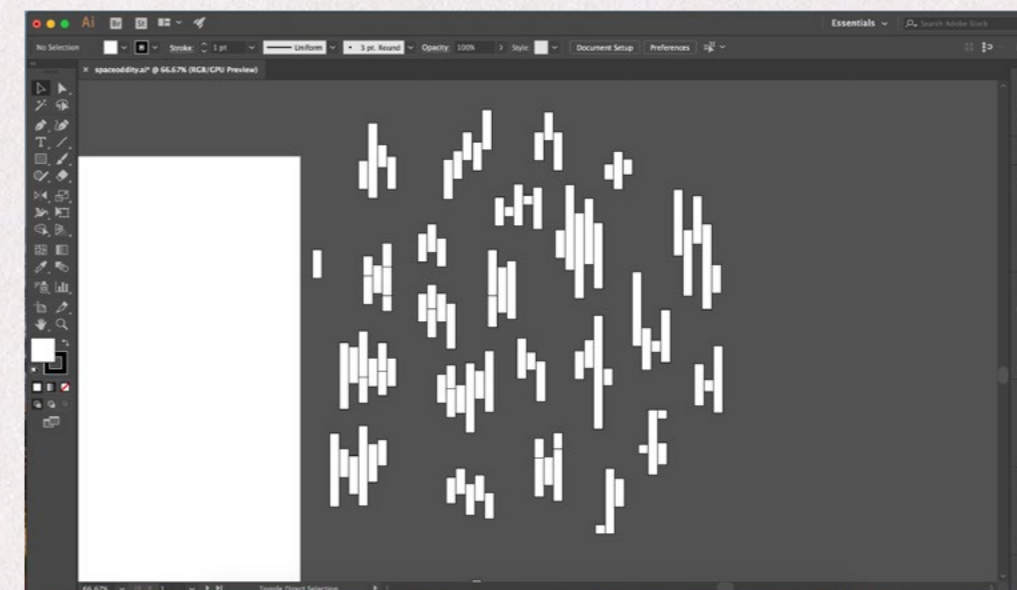
**Fig. 19**



**Fig. 20**



**Fig. 21**

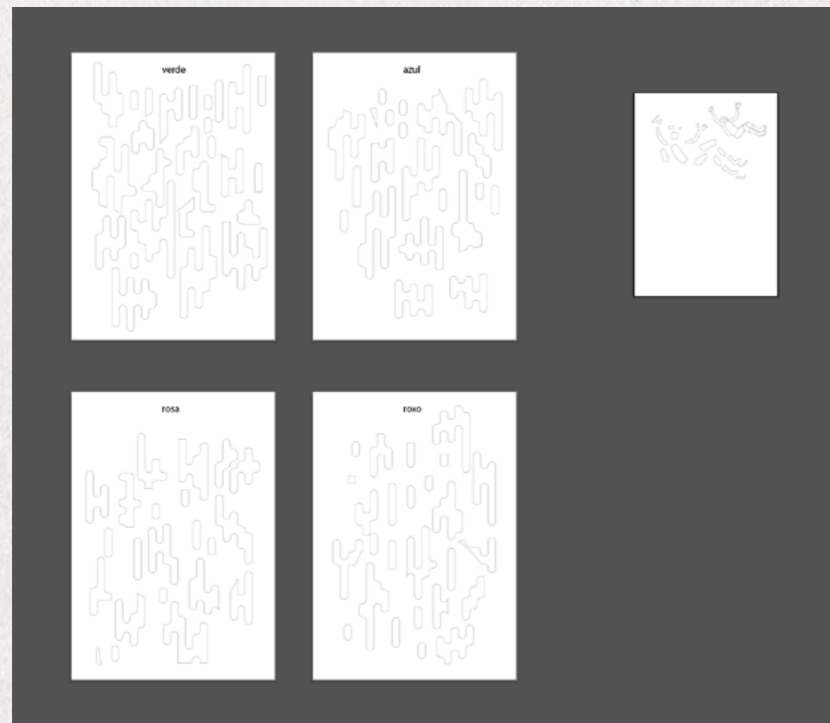


**Fig. 22**

### 3. Impressão do gabarito e transferência

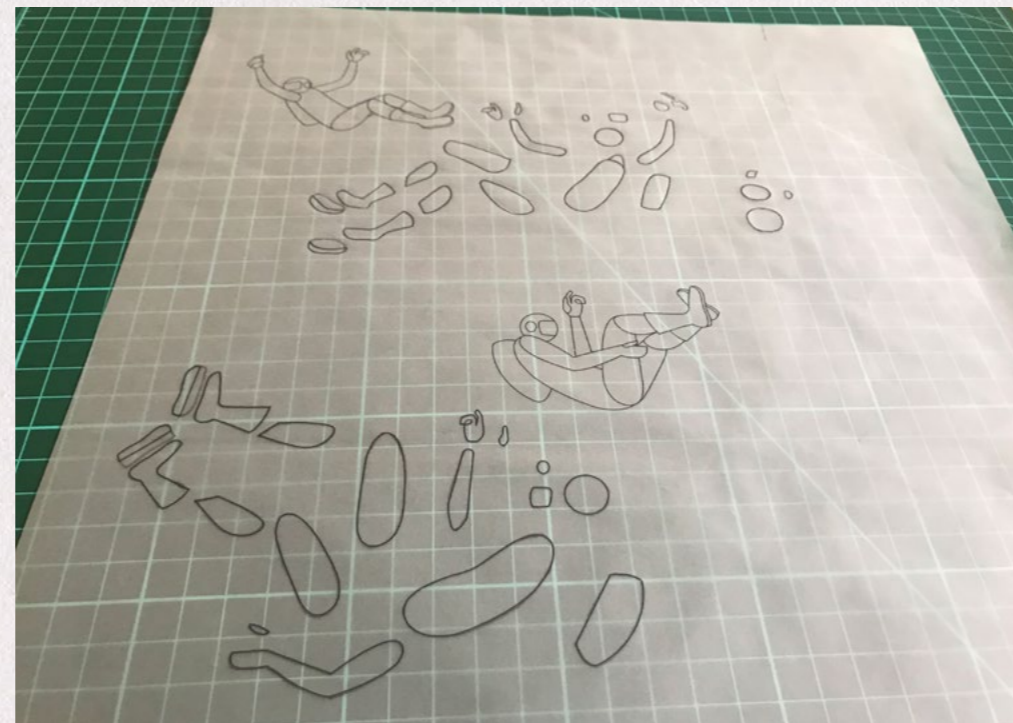
Eu então imprimo o pdf em folhas de papel vegetal A3, que usarei como gabarito. Com um lápis 6B, risco sobre as linhas impressas no verso do papel vegetal, e meu gabarito está pronto. Riscando sobre o lado impresso com algo pontudo, consigo transferir as formas riscadas com grafite inúmeras vezes sobre os papéis coloridos que eu quiser usar.

**Figura 23:** Páginas a serem impressas para o gabarito.

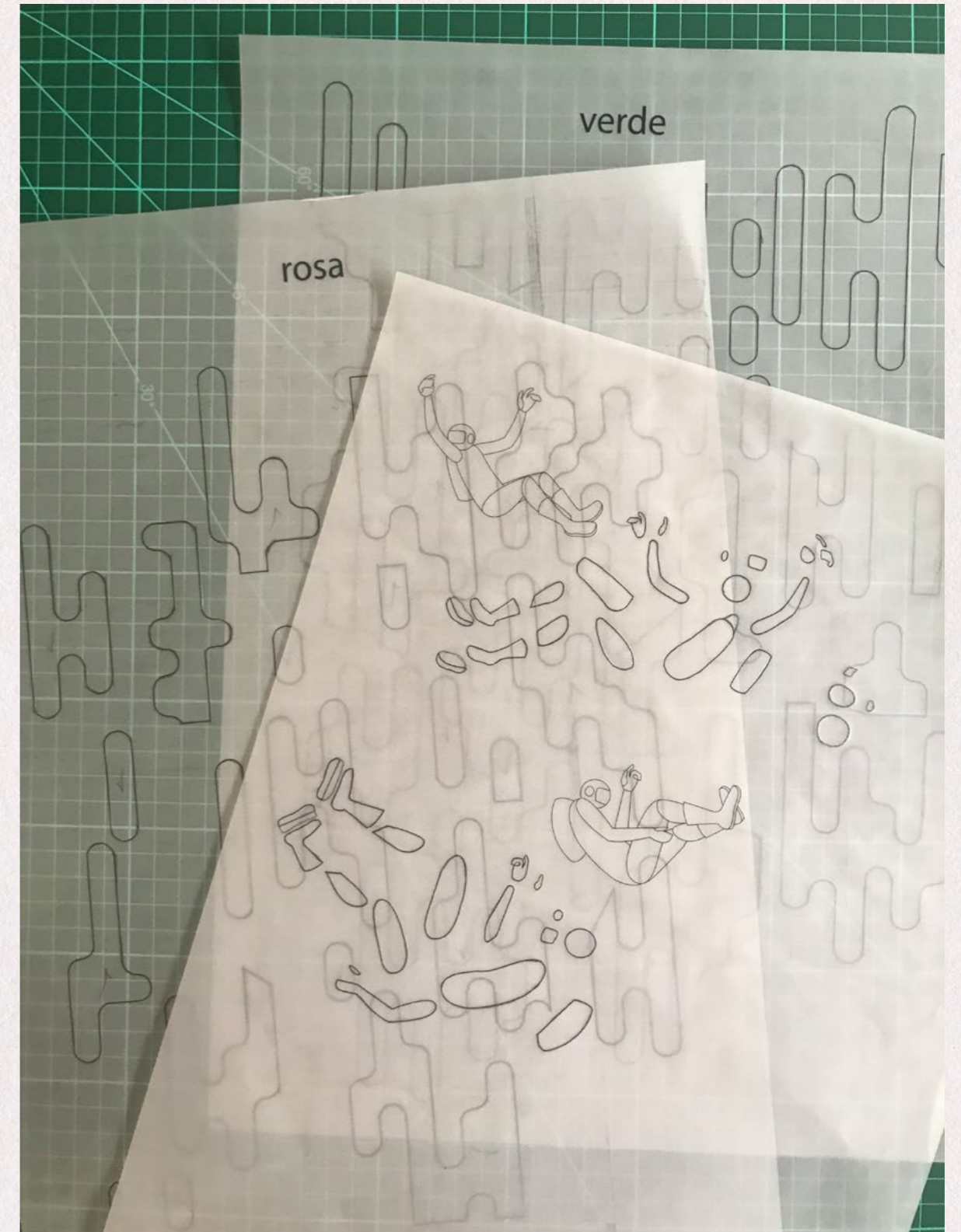


**Figuras 24 e 25:** Gabaritos em papel vegetal, e exemplo de ilustração “explodida”.

**Fig. 24**



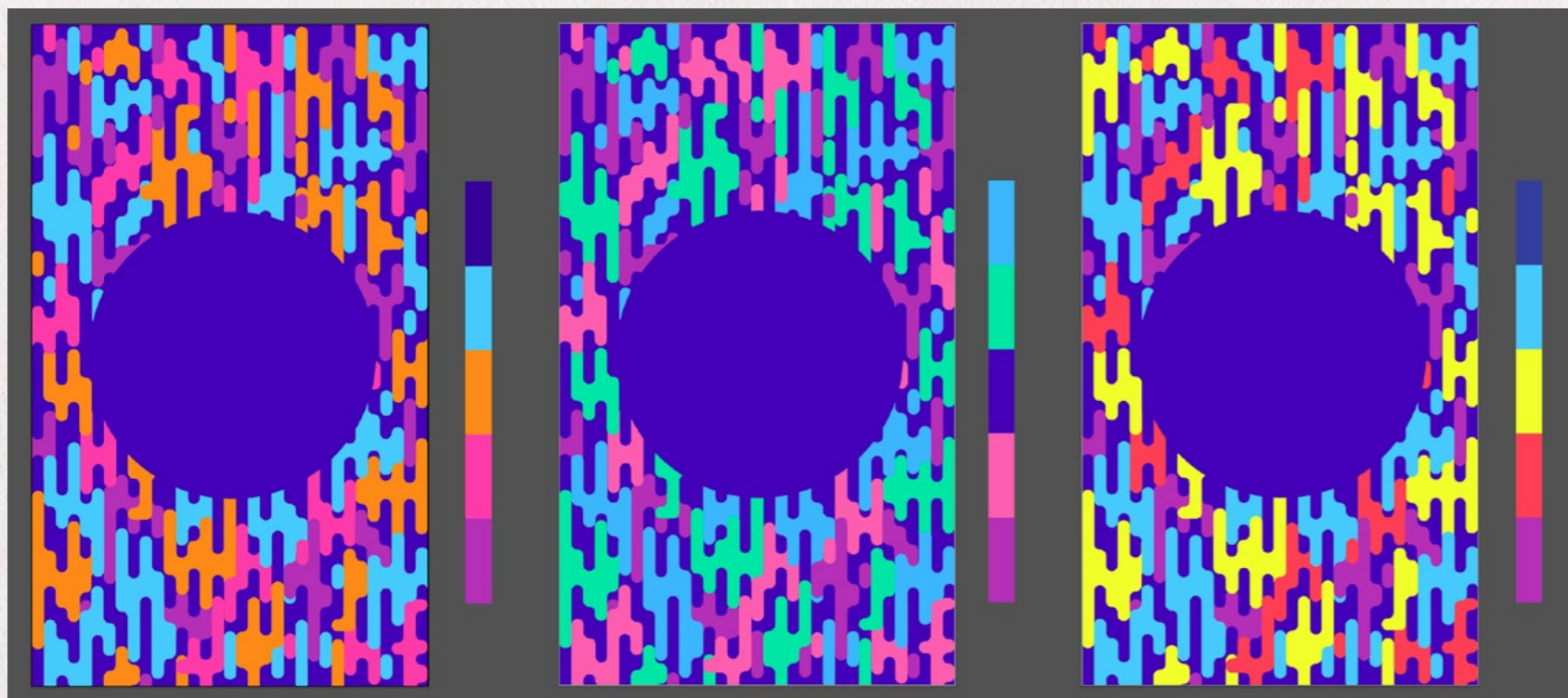
**Fig. 25**



#### 4. Escolha de cores

Previ que seria necessário consultar as 22 cores que havia comprado e analisar suas combinações diversas vezes, então recortei pequenos retângulos de todas as cores e fiz um mini-catálogo improvisado, muito mais fácil de manusear do que 22 folhas A2. Tendo em mente essa limitada gama à minha disposição, retorno à ilustração vetorial no Illustrator e experimento com cores, enquanto comparo com meu mini-catálogo, até encontrar a paleta de cores ideal.

Figura 26: Testes com variação de cores.



Figuras 27 e 28: Mini-catálogo com as 22 cores de papel que tinha à minha disposição.

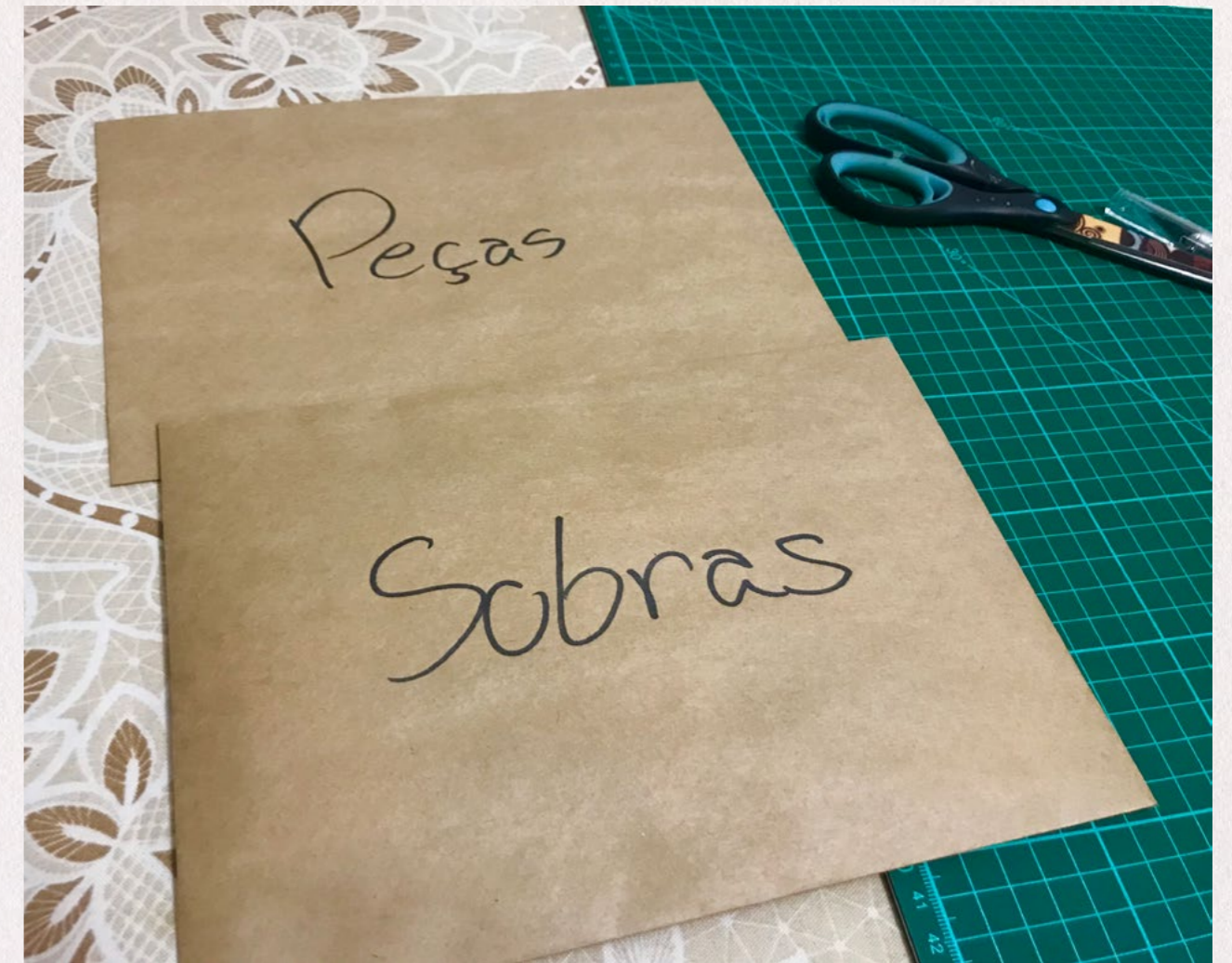


## 5. Recorte

Com as formas já transferidas para os papéis, começo a cortá-las. Pessoalmente, acho essa a etapa mais agradável e relaxante de todo o trabalho. Para formas simples utilizo um estilete comum, mas já para formas complexas que exigem um trabalho mais minucioso, eu uso o estilete de precisão, assim poupando-o, uma vez que as lâminas da X-Acto são consideravelmente mais caras e perdem o fio rápido. O uso de tesoura também se faz necessário em alguns casos. Separo as peças cortadas e as coloco em um envelope, para garantir que não perco nenhuma. Também reservei um envelope para guardar as sobras, onde coloco os pedaços de papel que têm um tamanho considerável e que podem ser reutilizados no futuro.



**Figura 29:** Ferramentas que usei para recortar. De baixo para cima: estilete comum pequeno, estilete de precisão X-Acto com lâmina modelo nº11, e tesoura comum. Ao fundo, em verde, a base para corte.



**Figura 30:** Envelopes onde guardo peças e sobras.

## 6.Preparação do foam board

Todos os *foam boards* que comprei, em tamanho A1, foram previamente cortados ao meio para ficarem em tamanho A2, por motivos de conveniência e transporte. Na hora de montar a arte, eu primeiramente escolho se uso um *foam board* branco ou preto, de acordo com cada caso, e depois corto a placa na medida exata para ser usada como sustentação. Caso o fundo da ilustração precise de alguma cor específica, ou se a placa não for ficar completamente oculta pelas peças que serão colada em cima, eu colo o papel colorido de minha escolha para cobrir completamente uma face do *foam board*. Por se tratar de uma área grande, eu uso cola *spray* para fixar a folha na placa.

As sobras da placa cortada são aproveitadas, sendo cortadas em peças pequenas, na forma de quadradinhos, que serão usadas como calços para criar o relevo entre as camadas.



**Figura 31:** Pedacos de foam board que serão utilizados para dar diferença de relevo entre as camadas.

## 7. Posicionamento e montagem

Nessa etapa eu abro minha composição no Illustrator para conferir onde deve ser posicionada cada peça, então as coloco sobre o *foam board* que acabei de preparar e analizo como serão as sobreposições. Tendo isso decidido, eu começo a colar os pedaços de *foam board* nas costas das peças, adicionando a quantidade necessária para atingir a altura adequada. Quando termino esse processo em todas as peças, colo-as cuidadosamente na composição, utilizando cola bastão, até finalizar.

O processo completo, entre a conceituação e o fim da montagem, dura em média uma semana, mas pode variar de acordo com a complexidade da ilustração e a presença de experimentação durante o processo.

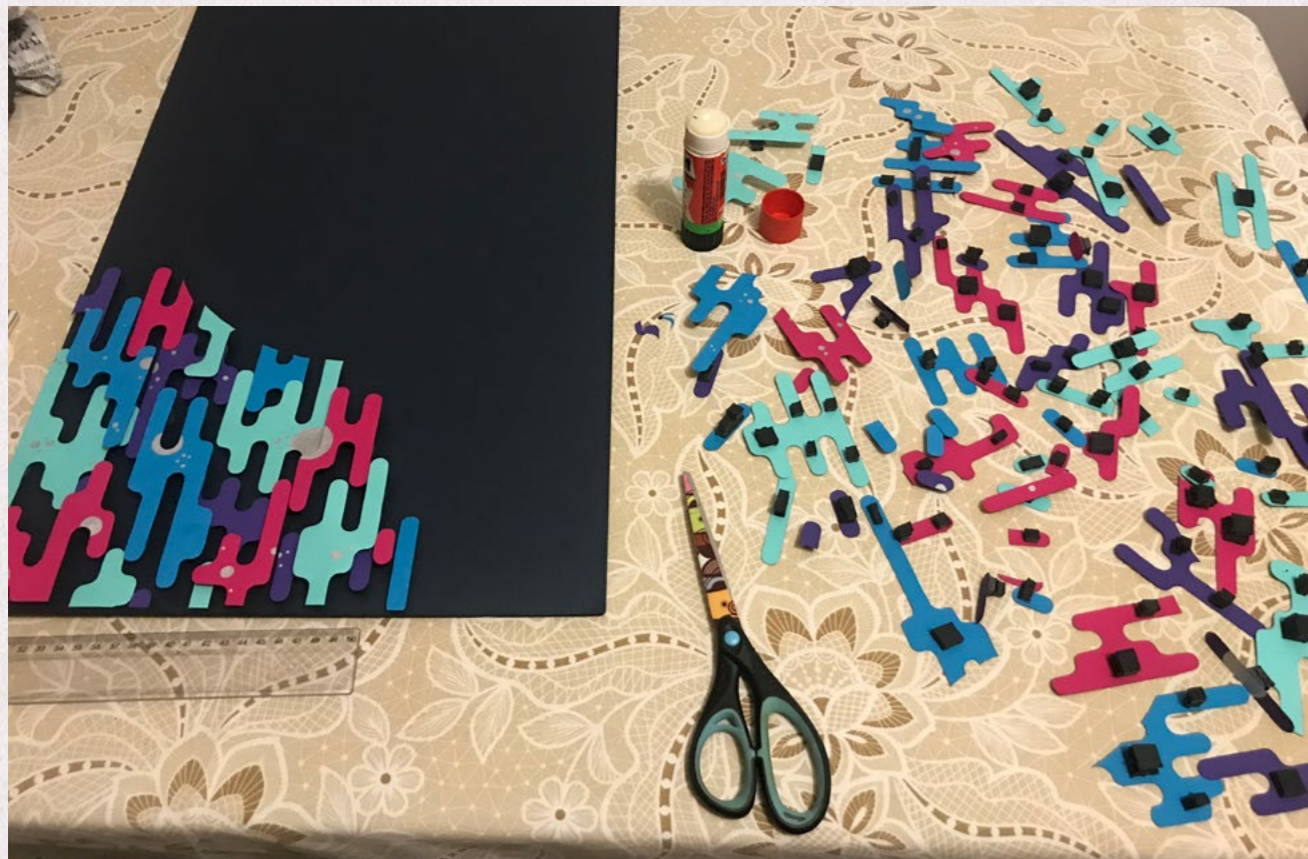


Figura 32: Peças com os pedaços de *foam board* já colados.



Figura 33: Posicionamento das peças.

## Space Oddity e as estrelas

Embora David Bowie tenha dito em uma entrevista, rindo-se, que jamais viajaria ao espaço caso tivesse a oportunidade, pois tinha medo até mesmo de sair de casa, a temática espacial foi algo que foi referenciado em muitos momentos ao longo de sua carreira. Isso é um reflexo da excitação que Bowie sentia pelo desconhecido. Para Bowie, o fato de que somos cercados por essa grande incógnita que é o espaço o torna um tema rico, que nos deixa com a imaginação livre para as mais ousadas estranhezas.

“Space Oddity” foi a primeira de suas canções a mencionar as estrelas, e foi também seu primeiro sucesso comercial, ao chegar ao topo das paradas na Grã Bretanha. Quando lançou a canção, em 11 de julho de 1969, viagem espacial era um tema extremamente em voga, pois a missão Apollo 11, a primeira expedição tripulada por humanos à lua, estava a cinco dias de ser lançada.

A música narra uma breve história na qual o personagem Major Tom, um astronauta fictício, é enviado ao espaço em uma missão solitária que acaba de maneira desastrosa. Durante toda a canção,

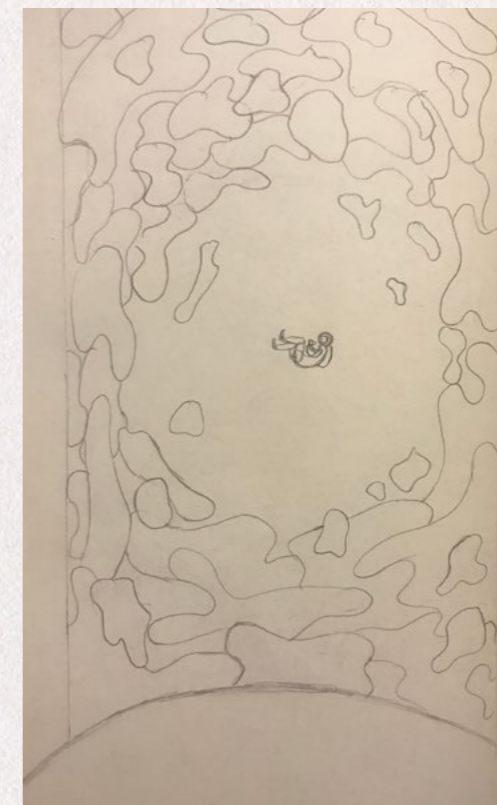
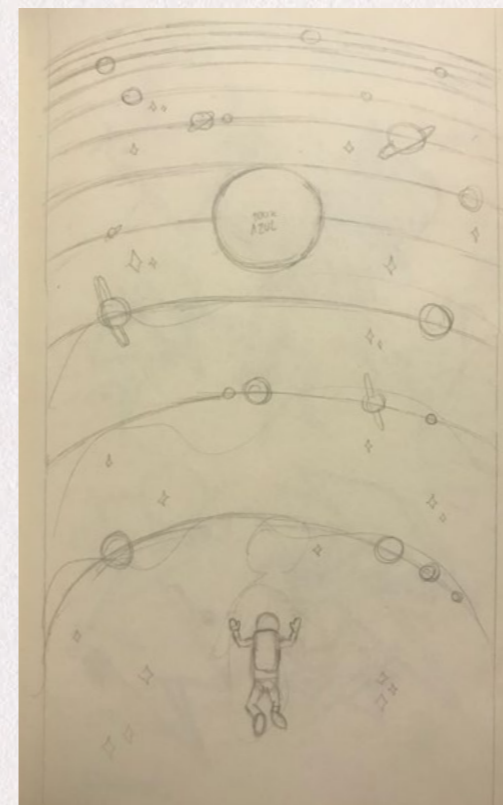
acompanhamos as conversas entre Major Tom e a central de controle da missão na Terra. Após algo dar terrivelmente errado, a central de controle entra em desespero e pede para Major Tom responder, mas este parece já ter aceitado seu fatal destino, e apenas se despede dizendo “diga à minha esposa que a amo muito”. Major Tom termina a canção contemplando a cor azul da Terra e constatando sua incapacidade de fazer qualquer coisa a respeito da situação, reconhecendo sua própria pequenez perante ao universo que agora o engole.

**Figuras 34 e 35:** *Primeiros sketches, ainda bem vagos e pouco originais.*

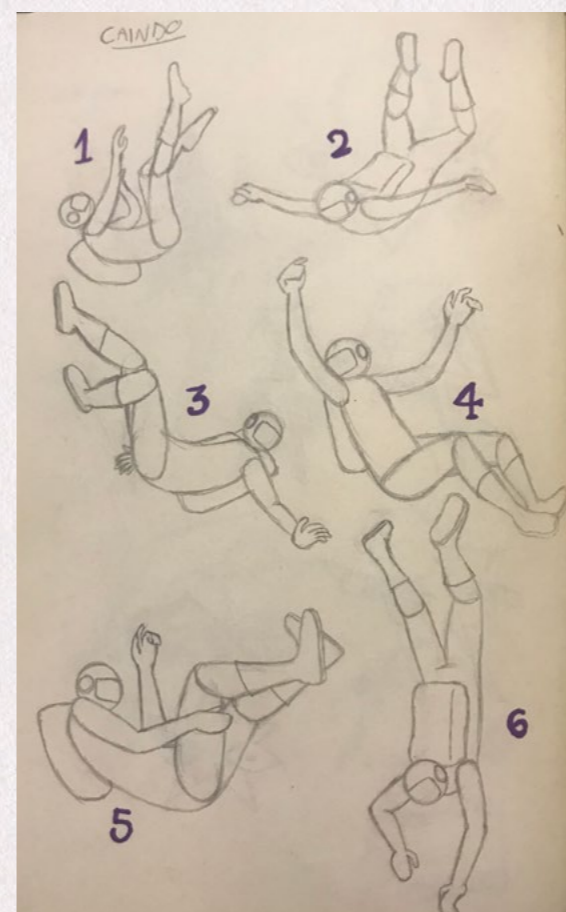


Esse belo momento em que o personagem se encontra à deriva, mas mesmo estando apavorado procura ter serenidade perante ao inevitável, foi o que tentei representar na arte “Space Oddity”. Na maioria de meus *sketches* tentei retratar o espaço como essa massa gigantesca que cerca o pequeno astronauta de maneira implacável. Major Tom não tem a menor chance de domar ou sequer compreender a grandeza à sua volta.

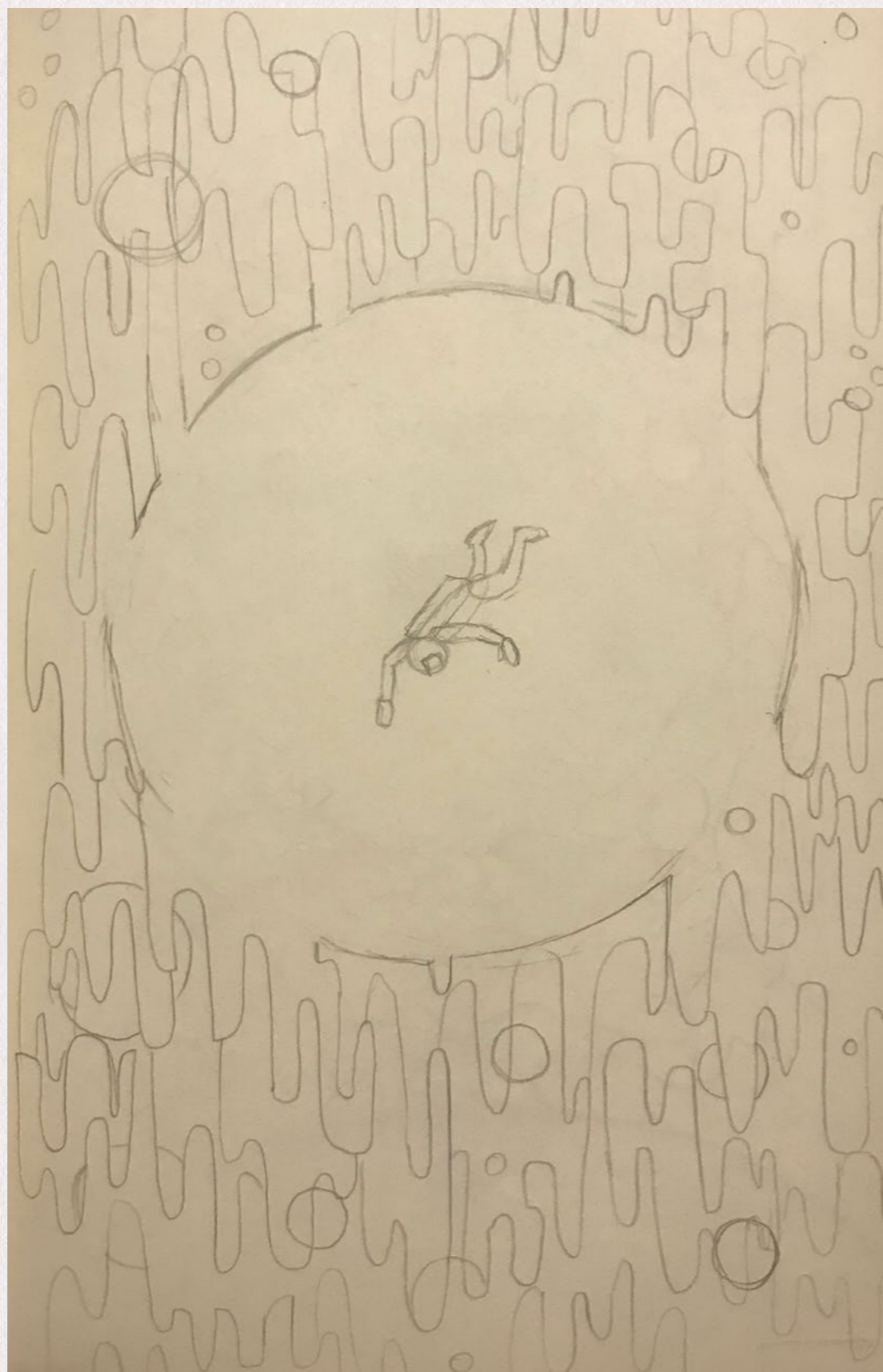
Eu queria uma representação abstrata do que seria o espaço, então criei esse padrão composto por desenhos coloridos e irregulares, que formam uma espécie de vórtice que é, ao mesmo tempo, amplo e claustrofóbico. No centro temos um único ponto de respiro, uma circunferência azul sobre a qual flutua Major Tom, confuso, curioso, perdido.



**Figuras 36 a 38:** *Sketches* criados após eu encontrar um estilo que me agradou para a ilustração.



**Figuras 39 e 40:** *Testes de poses* para Major Tom.



**Figura 41:** *Esboço escolhido para a arte final.*



**Figura 42:** *Versão vetorizada da ilustração.*



Figura 43: Arte "Space Oddity" finalizada.  
Foto por Victor Vieira.

Fig. 44



Fig. 45



Fig. 46



Fotos por Victor Vieira.

## Ziggy Stardust a mais célebre personalidade

Embora seja um pouco difícil de acreditar, David Bowie era uma pessoa tímida, principalmente no início de sua carreira. Quando jovem, tinha dificuldade para escrever músicas para si, então começou a criar personagens que ele mesmo interpretaria no palco e escrever “para eles”. Assim começou a teatralidade de suas performances pela qual ficou tão conhecido.

Muito presentes na primeira metade de sua carreira, as chamadas “personas” de David Bowie não ficavam restritas apenas às performances. Há registros em reportagens e entrevistas que indicam que ele algumas vezes incorporava essas personalidades ao seu estilo de vida, e começava a agir como elas.

Dentre as personas mais famosas tivemos Alladin Sane (1973), Halloween Jack (1974), The Thin White Duke (1975-1976) e o Pierrot (1980), mas se você pedir a um fã de Bowie para citar rapidamente a primeira persona que lhe vier à cabeça, provavelmente ouvirá a pessoa dizer “Ziggy Stardust”.

Ziggy veio ao mundo em 1972, juntamente com o quarto álbum de Bowie “The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars”, que foi um sucesso retumbante. O álbum conta a história de Ziggy, um alienígena que vem à Terra trazer mensagens de esperança ao planeta que está fadado a acabar em 5 anos devido ao fim dos recursos naturais. Usando muita maquiagem, roupas ousadas e um visual andrógino que o tornou um dos maiores ícones do *glam rock*, Bowie deu vida ao “Starman” e entrou para sempre no imaginário popular.

Sendo as personas um aspecto chave da carreira de Bowie, acreditei ser essencial incluí-las no meu projeto. E quem melhor para representar isso que Ziggy Stardust, o mais lembrado e querido de todos? Para minha alegria, o referencial imagético desse período da carreira de Bowie é riquíssimo, então fiquei muito empolgado para começar.



**Figura 47:** Bowie como Ziggy Stardust, em um ensaio fotográfico para o álbum, 1972. Fotos de Masayoshi Sukita.

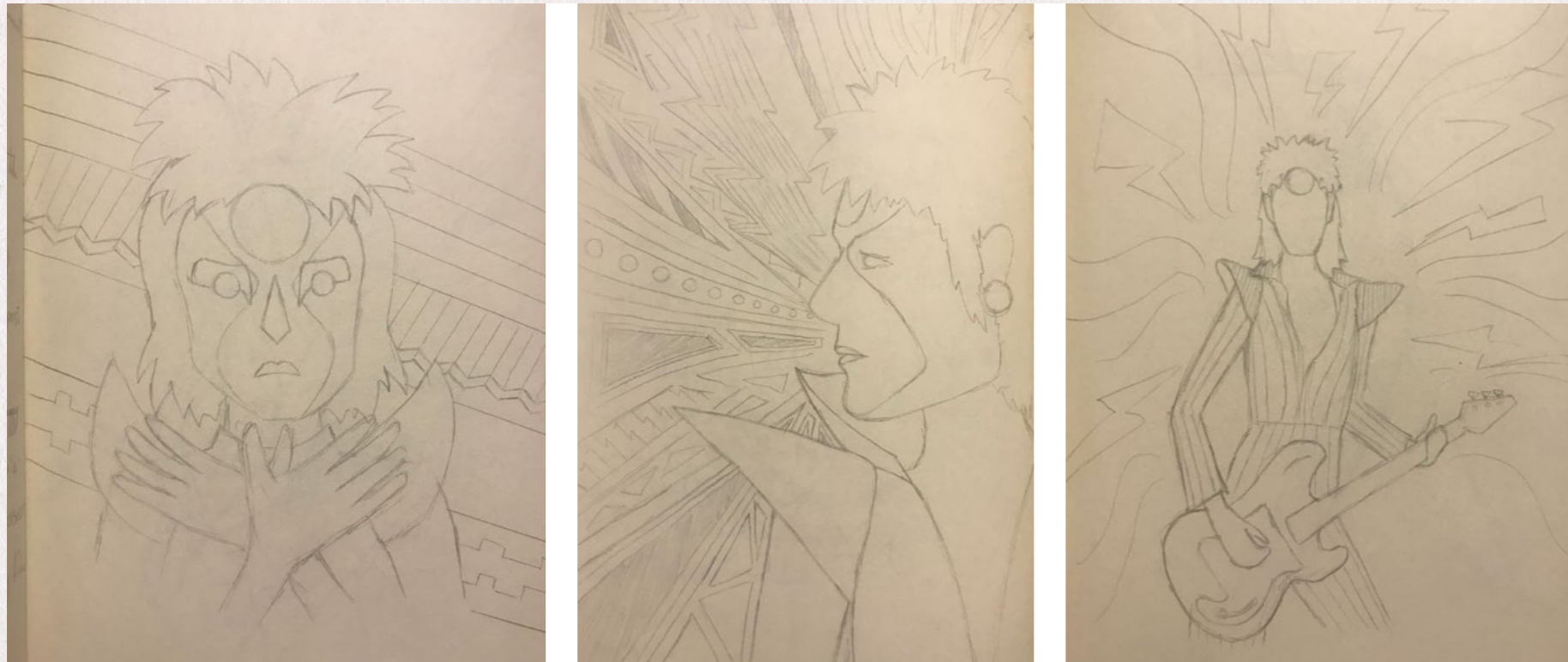


Figura 48: Primeiros sketches.

Nessa ilustração quis traduzir em imagens a forte personalidade que o jovem Bowie emprestou ao seu personagem. Queria algo que fosse colorido, ousado e cheio de movimento. Procurei fotos que poderiam servir de referência e comecei a esboçar. Durante o processo de criação, sempre tenho em mente que o desenho precisa ser viável para ser feito com papel, mas tento não deixar isso limitar minhas ideias.

Durante minhas pesquisas por referências, percebi que grande parte da personalidade de Ziggy se dava por conta das roupas que usava. Várias dessas roupas foram criadas pelo designer japonês Kansai Yamamoto, incluindo um dos mais icônicos macacões estampados que Bowie usou nos shows da turnê daquele ano.

A relação de Bowie com o mundo da moda é algo que havia planejado abordar em outra ilustração, sobre a qual falarei mais à frente. No entanto, era impossível ignorar a importância desse figurino para a caracterização de Ziggy Stardust.

Decidi que a ilustração deveria trazê-lo vestindo o figurino de Kansai Yamamoto e em uma pose que fosse ao mesmo tempo dramática e arrojada. Foi então que encontrei esse belo cartaz, feito para a divulgação da “Serious Moonlight Tour”, turnê que Bowie fez em 1983, mais de dez anos depois de Ziggy Stardust. Amei a pose instantaneamente, pois tinha tudo o que eu procurava e, além disso, estava dentro do material imagético do artista. Essa então foi minha principal inspiração para a criação da segunda ilustração.

Figura 49: Bowie e Kansai Yamamoto, usando um dos icônicos figurinos da turnê de 1972. Foto de Mick Rock.



A pose do cartaz tinha linhas de movimento que iam totalmente ao encontro do que queria transmitir nessa ilustração. Redesenhei Ziggy na dita pose, com o macacão estampado e estrelas irregulares ao fundo. Fiquei muito satisfeito com o resultado, então prossegui para a produção.

Decidi que um personagem tão transgressor não ficaria tão bem confinado em uma margem convencional, então desenhei o fundo da arte como um quadrilátero irregular. As estrelas foram feitas da mesma cor do papel do fundo, um belo vermelho metálico. Porém, para destacá-las melhor, tracei listras com um marcador Posca dourado e, é claro, dei relevo com pedaços de *foam board*.

O maior desafio na confecção dessa arte foi o macacão. Seu design complexo com mistura de estampas exigiu um trabalho minucioso. Além disso, eu não tinha o tom de verde claro das listras nos papéis que comprei, então precisei improvisar, pintando e lavando os pedaços de papel até atingir o um tom próximo ao do original. Cortei a placa de espuma para ter um formato que acompanha as delicadas estrelas que vazam da arte, o que dá um pouco mais de proteção contra choques.



**Figura 50:** David Bowie caracterizado durante show, 1972.  
Foto de Mick Rock.



**Figura 51:** Cartaz de divulgação da Serious Moonlight Tour, de 1983.  
Criado por Mick Haggerty.  
Fonte: <https://www.davidbowie.com>

Figura 52: Esboço escolhido para a arte final.

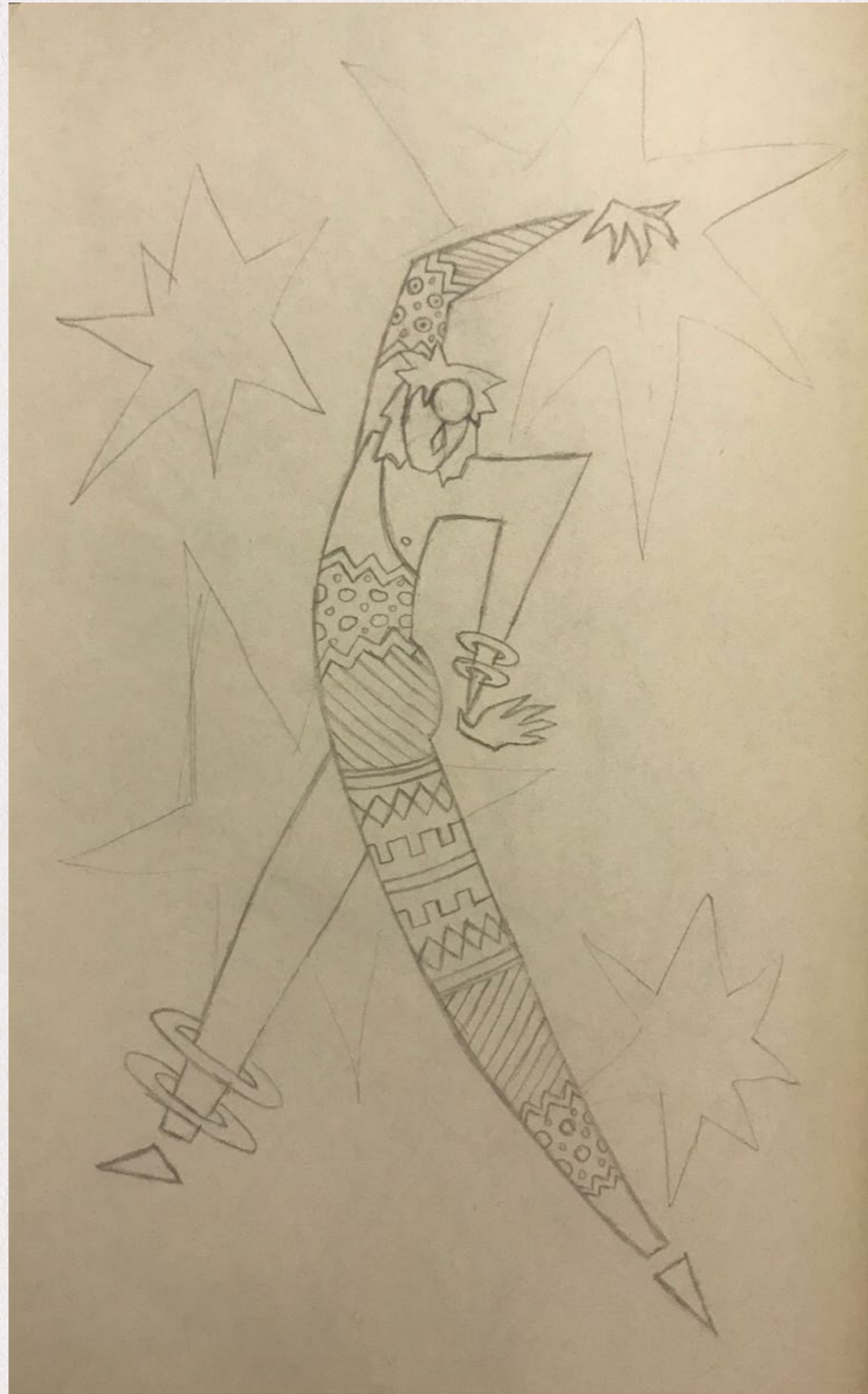


Figura 53: Versão vetorizada da ilustração.



Figura 54: Arte "Ziggy Stardust" finalizada.  
Foto por Victor Vieira.

Fig. 55

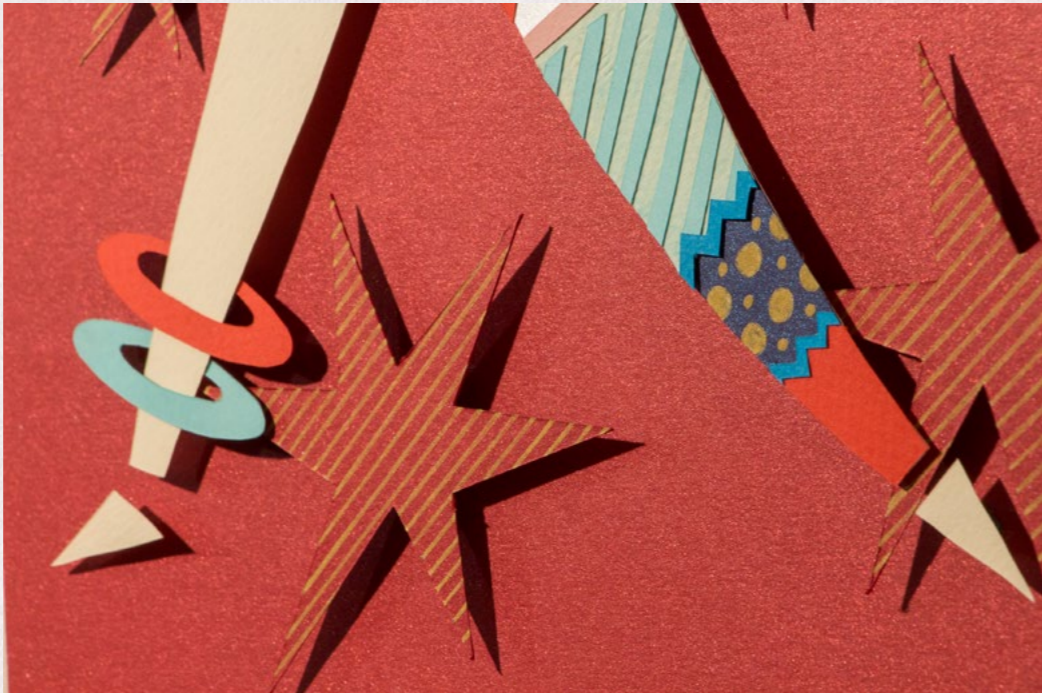


Fotos por Victor Vieira.

Fig. 57



Fig. 56



## As *The World Falls Down* a faceta cinematográfica

David Bowie era uma dessas pessoas cujo talento se expande para várias esferas da arte. Ele cultivou ao longo da vida o gosto por escrita e pintura, e tinha um desempenho decente nessas empreitadas. Mas além de sua carreira musical, houve um outro ramo no qual ele conseguiu expressivo destaque e reconhecimento: o de atuação.

Bowie atuou em 36 obras de ficção (também está presente em dezenas de documentários). Em alguns desses trabalhos ele estava interpretando a si mesmo, mas os que mais valem ser lembrados são aqueles em que ele teve liberdade criativa. Diretores costumavam escalar Bowie para interpretar personagens de certos arquétipos específicos, como homens excêntricos, sedutores, perigosos e de temática fantasiosa. Isso diz muito sobre como Bowie era enxergado pelo público. (VALAREZO, 2017)

Mais do que qualquer coisa, produtores e diretores cobiçavam o astro porque ele poderia trazer pro filme toda a aura associada ao nome dele. Afinal, com seus visuais deslumbrantes, personagens pitorescos e vida privada misteriosa, David

Bowie era a personificação do extraordinário; e é por isso que você quase nunca vai ver Bowie interpretando um homem comum, alguém como nós. (VALAREZO, *As Faces Cinematográficas de David Bowie*, 2017)

Embora seus personagens tivessem sempre muito do próprio Bowie (ou da imagem que ele criou de si para a mídia) seria injusto concluir que ele apenas interpretava um só papel. De fato, em todos os seus trabalhos como ator, Bowie sempre trouxe variedade e teve o cuidado de adicionar camadas aos seus personagens, tornando-os cativantes e memoráveis.

O primeiro grande longa metragem com Bowie no papel principal foi em “O Homem que Caiu na Terra” (*The Man Who Fell to Earth*, 1976) no qual ele interpretou Thomas Jerome Newton, um alienígena que veio parar em nosso planeta. Esse foi o papel no qual ele provou seu valor como ator, e que ditou o tom da sua carreira nas telonas. Outros papéis memoráveis foram Paul Ambrosius em “Apenas um Gigolô” (*Just a Gigolo*, 1981) e Pôncio Pilatos em “A

Última Tentação de Cristo” (*The Last Temptation of Christ*, 1988).

Um dos papéis mais queridos pelo público, e meu preferido, é Jareth, O Rei dos Góblins, no filme infantil “Labirinto - A Magia do Tempo” (*Labyrinth*, 1986). Neste filme, Bowie interpreta brilhantemente o vilão, um rei e feiticeiro que rapta o irmão mais novo da protagonista Sarah, que se vê obrigada a atravessar um labirinto cheio de perigos para resgatar o



**Figura 58:** Bowie como Jareth, provocando Sarah, a protagonista interpretada por Jennifer Connely. Fonte: Filme “Labirinto - A Magia do Tempo”

bebê. Jareth se encaixa em todos os arquétipos que já vimos em outras atuações de Bowie, mas aqui toda a mística que envolve o personagem o permitiu elevá-lo a outro nível. Ele também contribuiu para a trilha sonora do longa com composições originais e alguns números musicais.

Por conter um design de produção icônico e um personagem visualmente interessante, “Labirinto” foi o filme que escolhi para representar a faceta cinematográfica de David Bowie. Batizei a arte com o nome da canção “As The World Falls Down”, a música mais famosa do filme, que é tocada na cena que usei de referência para essa ilustração. O motivo para escolher esse nome em vez no título do filme foi para manter a unidade do projeto, pois todas as outras artes tem nomes de canções do Bowie.



**Figura 59:** Primeiros sketches. Desde o início pensei em trabalhar o labirinto como uma textura.

Em meus *sketches* trabalhei com designs que colocavam Jareth em posição central. A versão que mais gostei trazia ele e ao fundo e Sarah mais à frente, mas após tentar várias composições no Illustrator, decidi remover Sarah da arte final pois não senti que estava funcionando bem. De fato, essa foi a arte com a qual gastei mais tempo testando diferentes composições no Illustrator. Gastei muitas horas de trabalho vetorizando elementos que sequer usei na arte final, como o cenário do confronto final entre Sarah e Jareth, que acontece em um labirinto de escadas no estilo de M. C. Escher. Descartei esse cenário por parecer muito confuso, e inviável de ser feito em papel no tempo que eu tinha.



**Figura 60:** Sketch que deu origem à versão final.

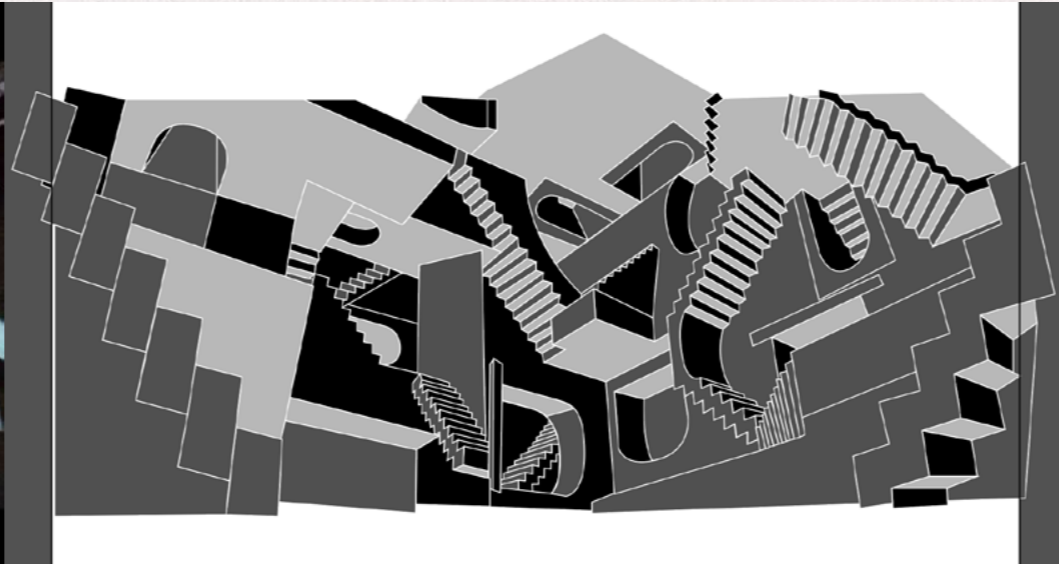


Figura 61: À esquerda: Castelo de Jareth, inspirado na obra de M. C. Escher. À direita: Ilustração vetorial que fiz tentando reproduzir o castelo. Descartei-a por parecer demasiado confusa e de difícil execução.

Para a versão final optei por um labirinto tradicional como plano de fundo, e Jareth na frente encarando o espectador. Tentei cortar o labirinto todo em *foam board* para passar melhor a sensação de paredes vistas de cima, mas o resultado não foi muito bom. Cortar a placa em tantos ângulos era difícil e o material não reagiu muito bem, criando rebarbas feias que arruinariam o acabamento. Mesmo ciente que isso era uma possibilidade, quis arriscar, pelo caráter experimental que dei a esse projeto. Mesmo não tendo sido utilizado aqui, todo esse material será reaproveitado no futuro.

Fig. 62

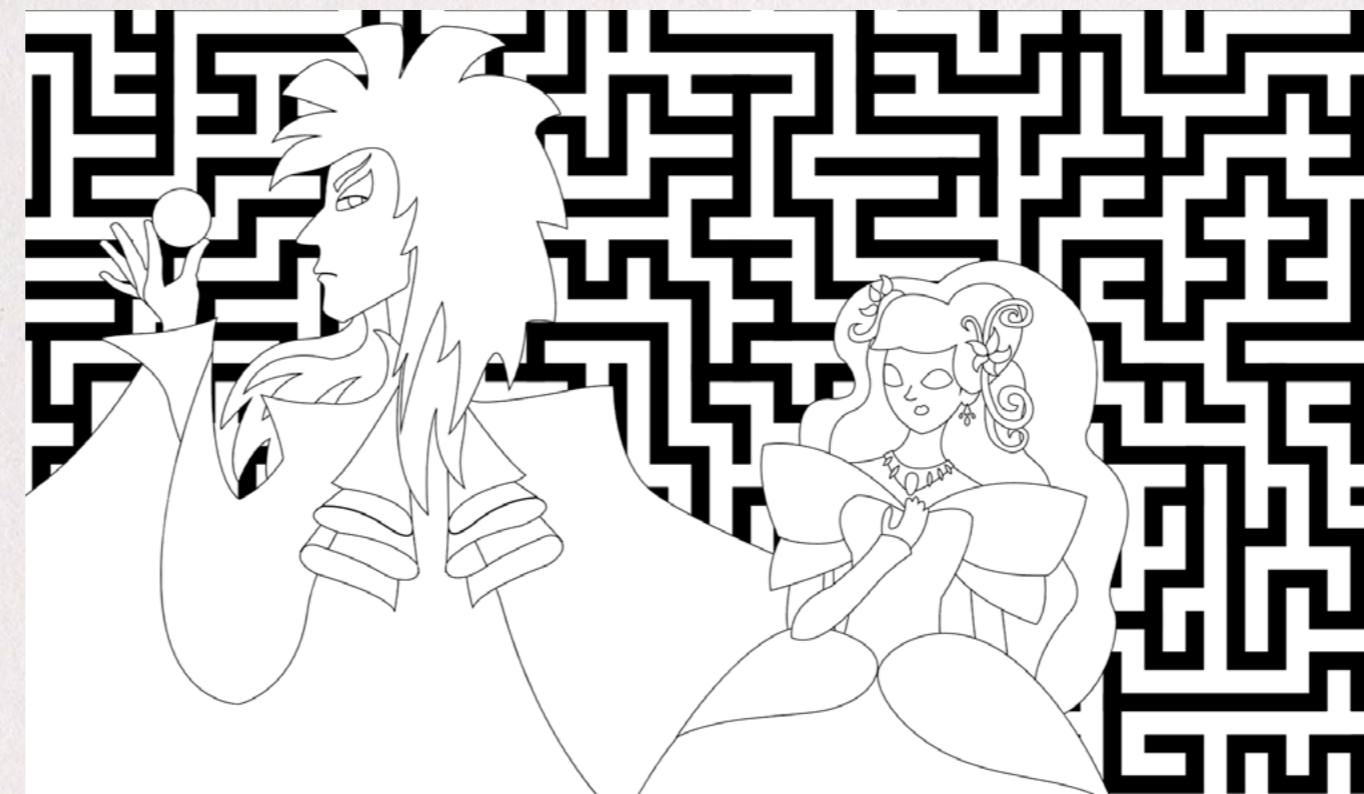


Fig. 63



Figuras 62 e 63: Testes nos quais Sarah aparece junto com Jareth. Desisti da presença de Sarah pois senti que estava prejudicando a composição.

Fig. 64



Fig. 65

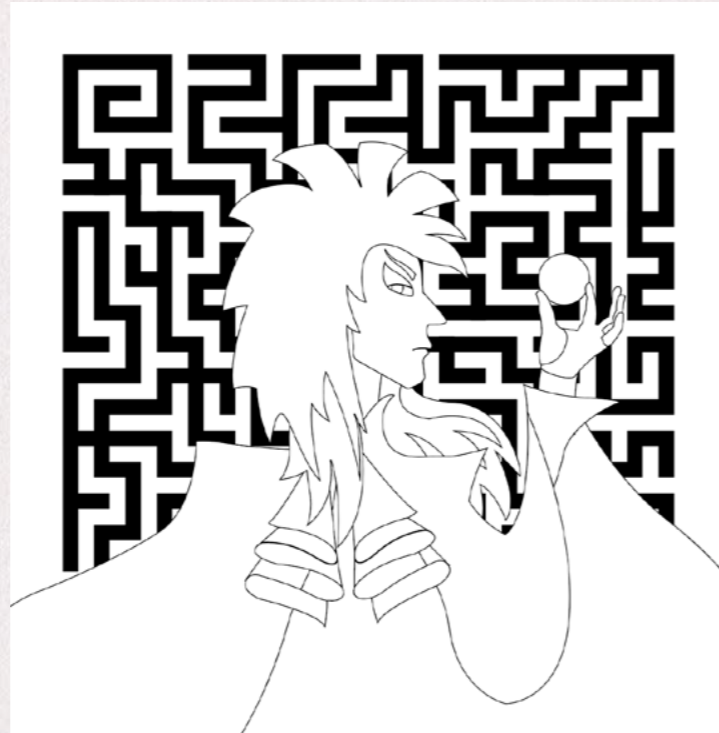


Fig. 66



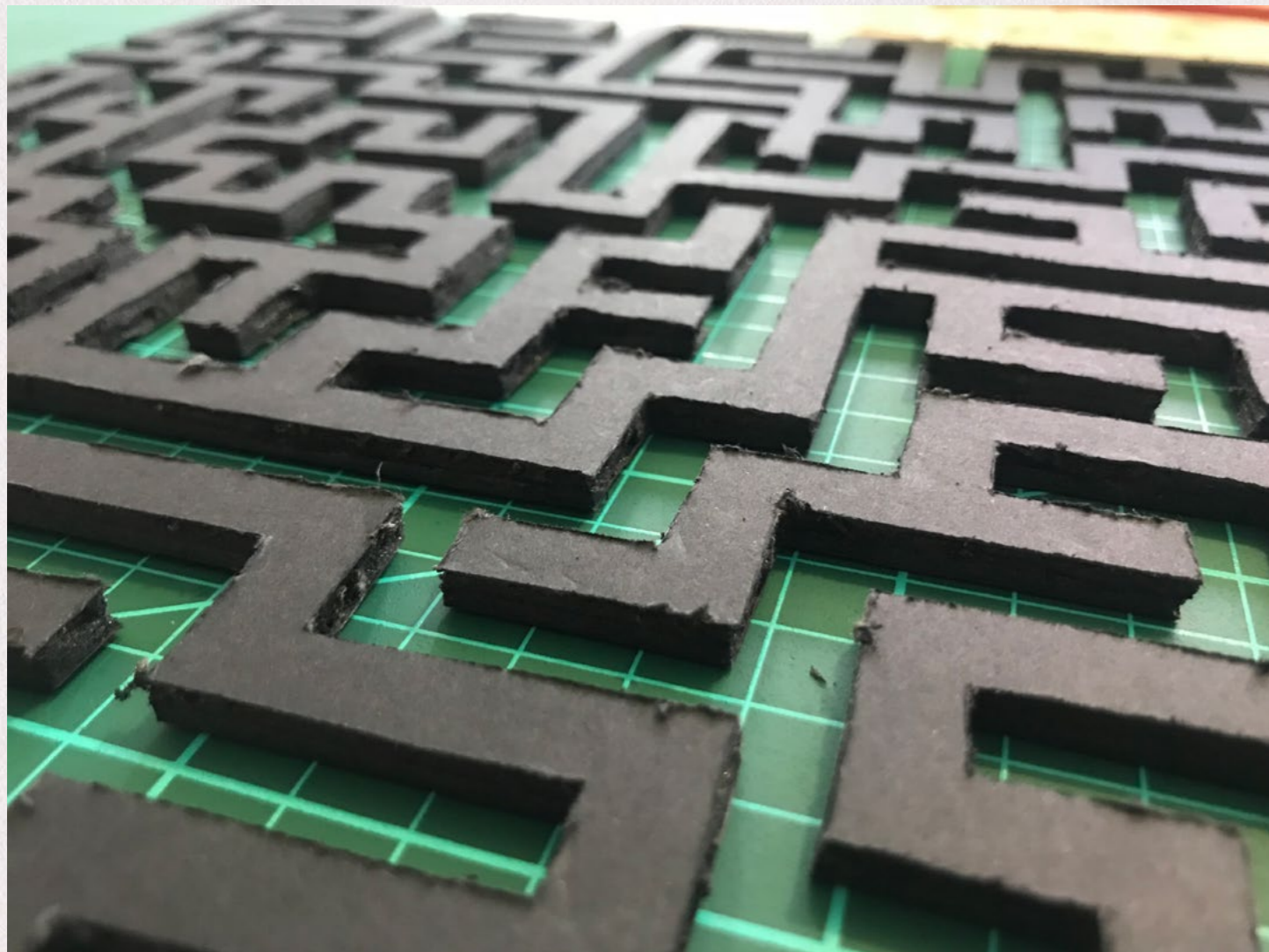
Figuras 64 a 66: Testes que fiz com diferentes designs de labirinto.

Figura 67: Versão final vetorizada.



Após a frustração com o primeiro labirinto, optei pelo tradicional Canson colorido, fixado da mesma forma com a qual vinha fazendo. Para a bola de cristal, cortei uma circunferência no meu papel perolado e a sobrepus com um pedaço de celofane.

**Figura 68:** Labirinto cortado em foam board. A aparência grosseira dessa tentativa a fez ser descartada.



**Figura 69:** Segundo labirinto que cortei, dessa vez no Mi-Teintes.

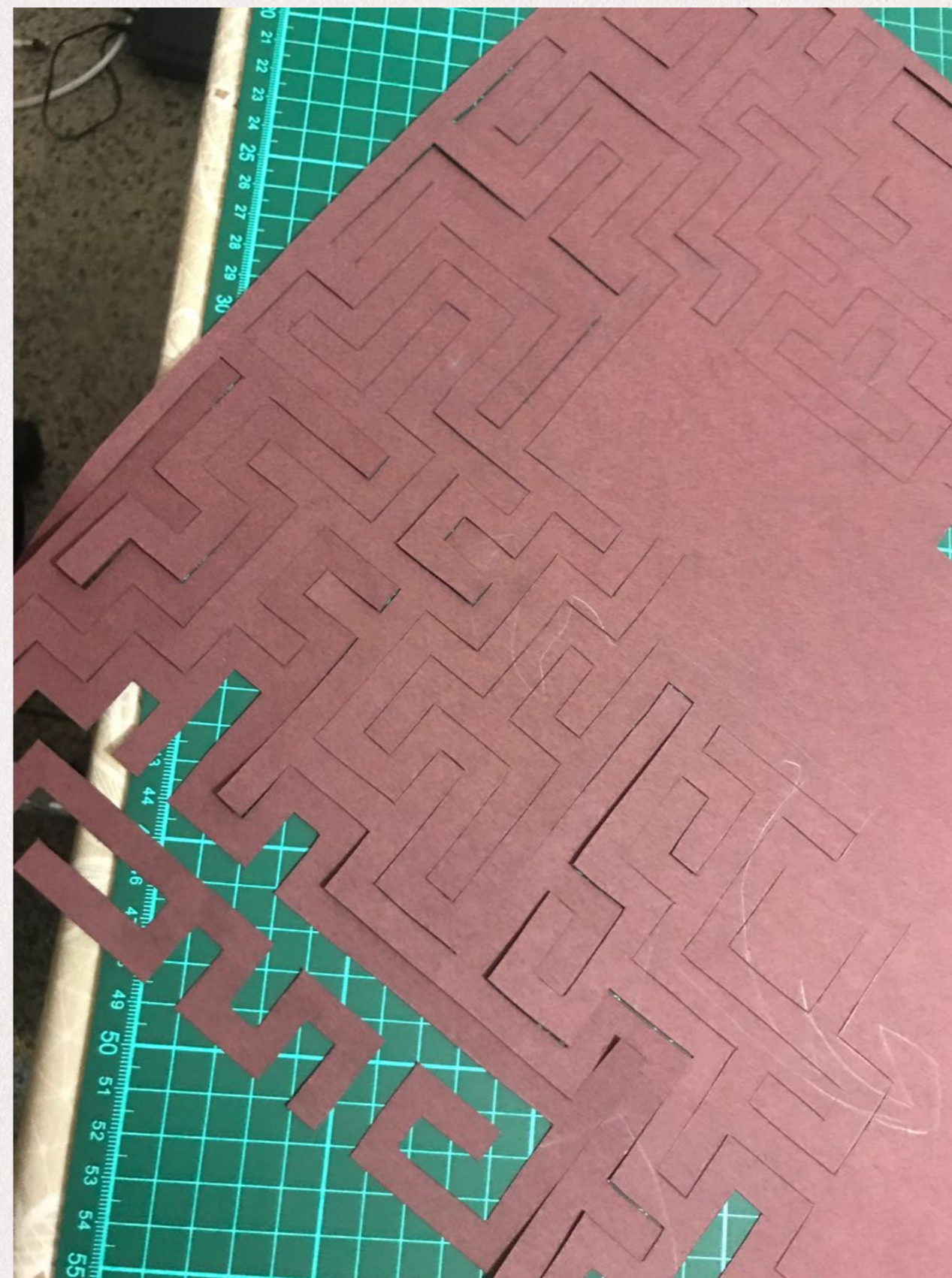




Figura 70: Arte "As The World Falls Down" finalizada. Foto por Victor Vieira.

Fig. 71



Fig. 72

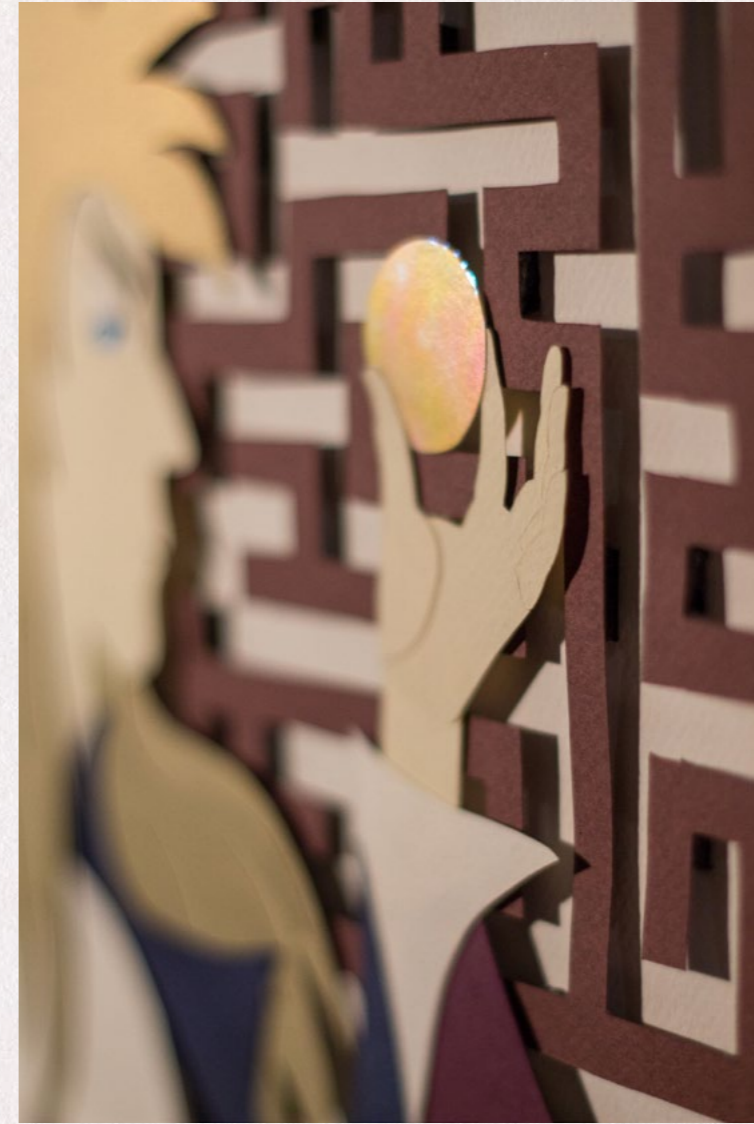


Fig. 72

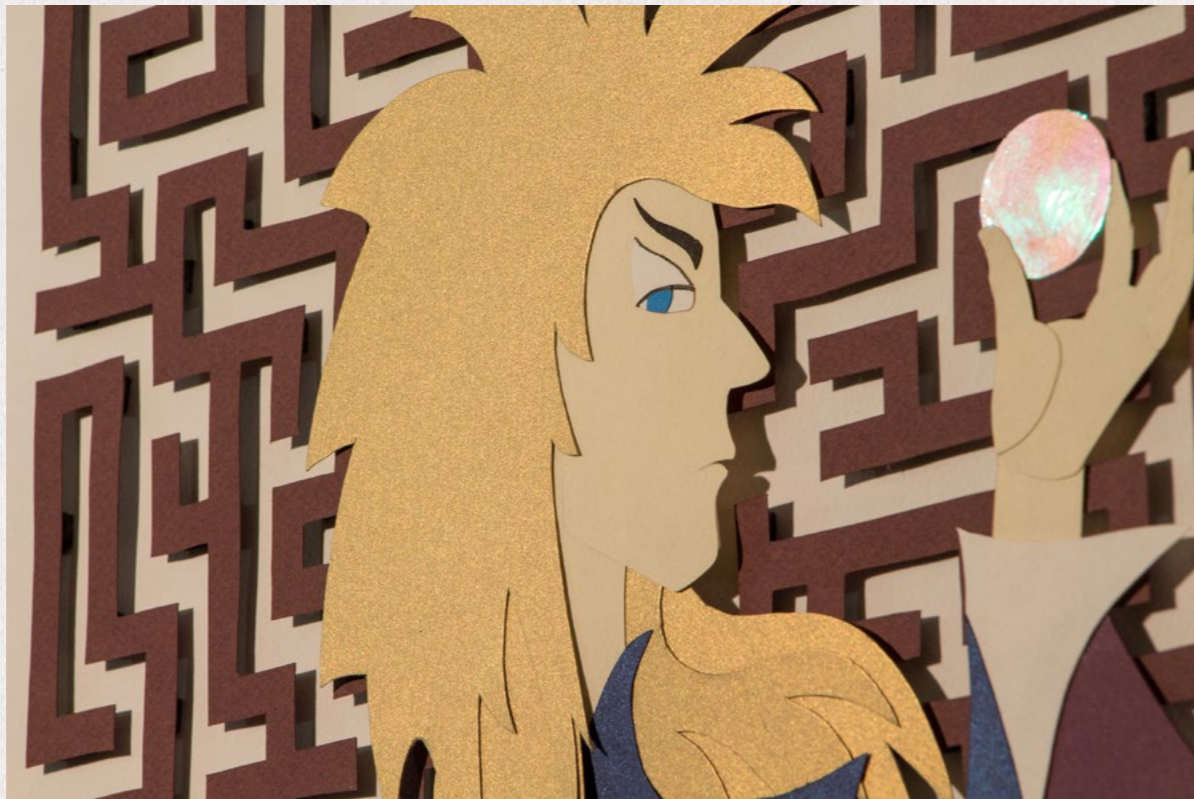


Fig. 74



Fotos por Victor Vieira.

## Fashion o ícone da moda

Como mencionei anteriormente, os figurinos de Bowie eram muito importantes para a construção de seus personagens. No entanto, mesmo longe dos holofotes, o músico tinha um cuidado especial com a maneira de se vestir. Fosse pelos ternos bem cortados, estampas ousadas ou sua notável elegância, o gosto pela moda o tornou uma referência na área.

Um fato que contribuiu para isso é que os estilistas amavam vestir Bowie. Sua aparência esguia e jeitos excêntricos eram um prato cheio para os profissionais da moda, com quem o músico sempre manteve relações próximas.

Fig. 75



Bowie em diversos momentos usou seu modo de vestir como ferramenta para contestar as convenções ligadas ao gênero e sexualidade. Tais convenções ainda são fortes até hoje, mas eram ainda mais restritivas na década de 1970. Na capa de seu terceiro disco “The Man Who Sold the World” (1970), Bowie posa usando um vestido floral desenhado por Michael Fish. Isso hoje em dia pode soar como algo trivial, principalmente no meio artístico, mas na época foi um ato político. Como Ziggy Stardust, levou isso além, trazendo à tona a conversa a respeito de conformidade de gênero e cultura *queer*.

Fig. 76



Fig. 77



Figura 75: David Bowie em uma propaganda para Louis Vuitton, 2013. Foto de David Sims.

Figura 76: Bowie usando o “vestido masculino” criado por Michael Fish. À esquerda, sua então esposa Angie, e Freddie Burretti, estilista e amigo pessoal do cantor, 1971. Foto de Haddon Hall.

Figura 77: Capa do álbum “The Man Who Sold the World”, 1970

Em 1972, um jovem estilista japonês chamado Kansai Yamamoto ouviu falar que um artista estava fazendo performances usando roupas de sua coleção feminina, na cidade de Nova York. Foi assim que ele conheceu Bowie e se tornou o responsável por criar os looks mais icônicos da era Ziggy Stardust.

Além das roupas, Yamamoto apresentou a Bowie alguns aspectos da cultura japonesa.

O designer japonês Kansai Yamamoto é comumente creditado por ajudar Bowie a alcançar sua estética lendária, introduzindo-o ao *hikinuki*, o método de troca rápida de roupas do teatro *kabuki*, no qual uma camada revela a outra como uma cobra trocando de pele. (BANKS, Alek, *The 4 Japanese Luminaries Who Helped Shape David Bowie's Signature Look & Sound*, 2017. Tradução livre.)

Foi Yamamoto também quem criou o icônico macacão preto listrado, com pernas circulares enormes, inspirado pela cultura dos clubes de Nova York da época. O macacão ficou conhecido pelo ensaio fotografado por Masayoshi Sukita em 1973, para a divulgação da turnê de “Aladdin Sane”, no mesmo ano. Sobre trabalhar com Bowie, Yamamoto disse em uma entrevista: “Algum tipo de reação química aconteceu: Minhas roupas se tornaram parte do David, suas canções, sua música. Elas se tornaram parte da mensagem que ele enviou para o mundo.” (THE HOLLYWOOD REPORTER. *The Japanese Designer Who Helped Turn David Bowie Into Ziggy Stardust Speaks*. 2016. Tradução Livre)



**Figura 78: Bowie vestindo ternos criados por Freddie Burretti, 1972. Fotos por Mick Rock.**

**Figura 79: Bowie vestindo Yamamoto, 1973. Foto por Masayoshi Sukita.**



A foto na qual Bowie posa com expressão altiva vestindo o macacão preto sobre o fundo laranja é uma das mais famosas dos anos 1970 - 1980, e foi a que escolhi como referência e principal inspiração para a arte "Fashion".

Eu já tinha o conceito para essa ilustração bem decidido em minha cabeça, desde a minha pesquisa por *paper artists* no início do projeto, quando conheci o trabalho de Nicole Aptekar e fiquei louco para tentar algo parecido. Também queria trazer uma abordagem um pouco diferente para essa arte. Em vez de criar elementos com relevo que simplesmente saltem do primeiro plano, eu quis inverter a ordem, trazendo o plano de fundo para a frente.



**Figura 80:** Bowie usando o icônico macacão desenhado por Kansai Yamamoto, 1973. Foto por Masayoshi Sukita.

**Figura 81:** *Sketch para a ilustração "Fashion". Como já tinha uma ideia bem estabelecida, não houveram muitos sketches para essa arte.*



**Figura 82:** *Versão final vetorizada.*

O grande diferencial dessa ilustração são as muitas camadas de formas geométricas abstratas, criando uma ilusão de profundidade que, num primeiro olhar, confunde o espectador. Para tal efeito, foi necessário cortar mais de 50 peças. A vetorização em si já foi um pouco mais complexa do que de costume.

Para atingir o efeito que queria, precisava que a peça vermelha e laranja tivesse uma altura considerável, para que todas as peças em preto e branco coubessem sob ela. Como o papel colorido em si não é grosso o suficiente para se sustentar sozinho, criei um “esqueleto” em *foam board* para fazer esse trabalho.

Fig. 83



Fig. 85

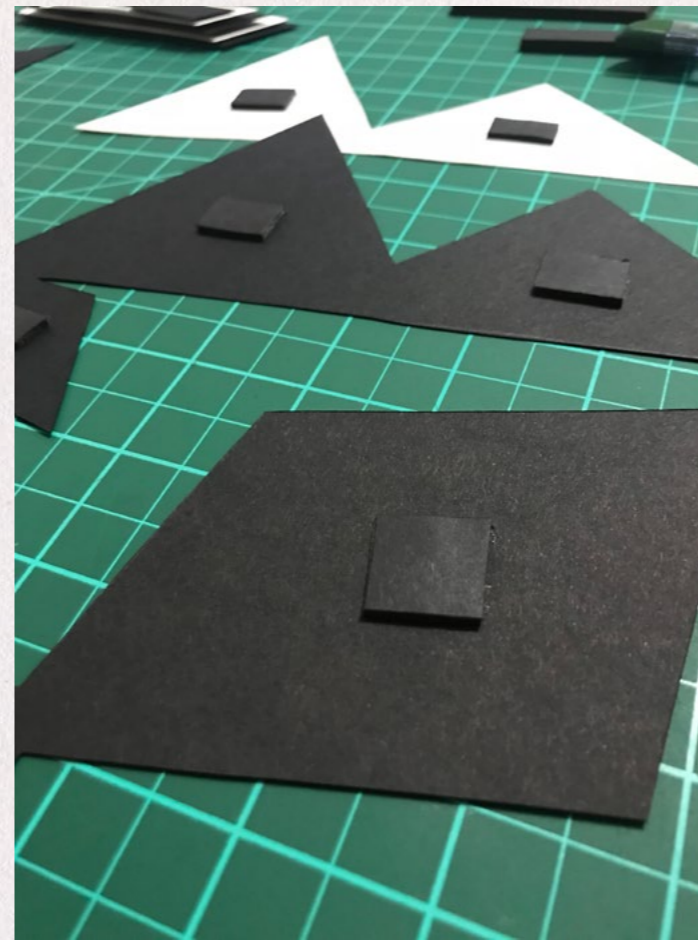


Fig. 86



Fig. 84



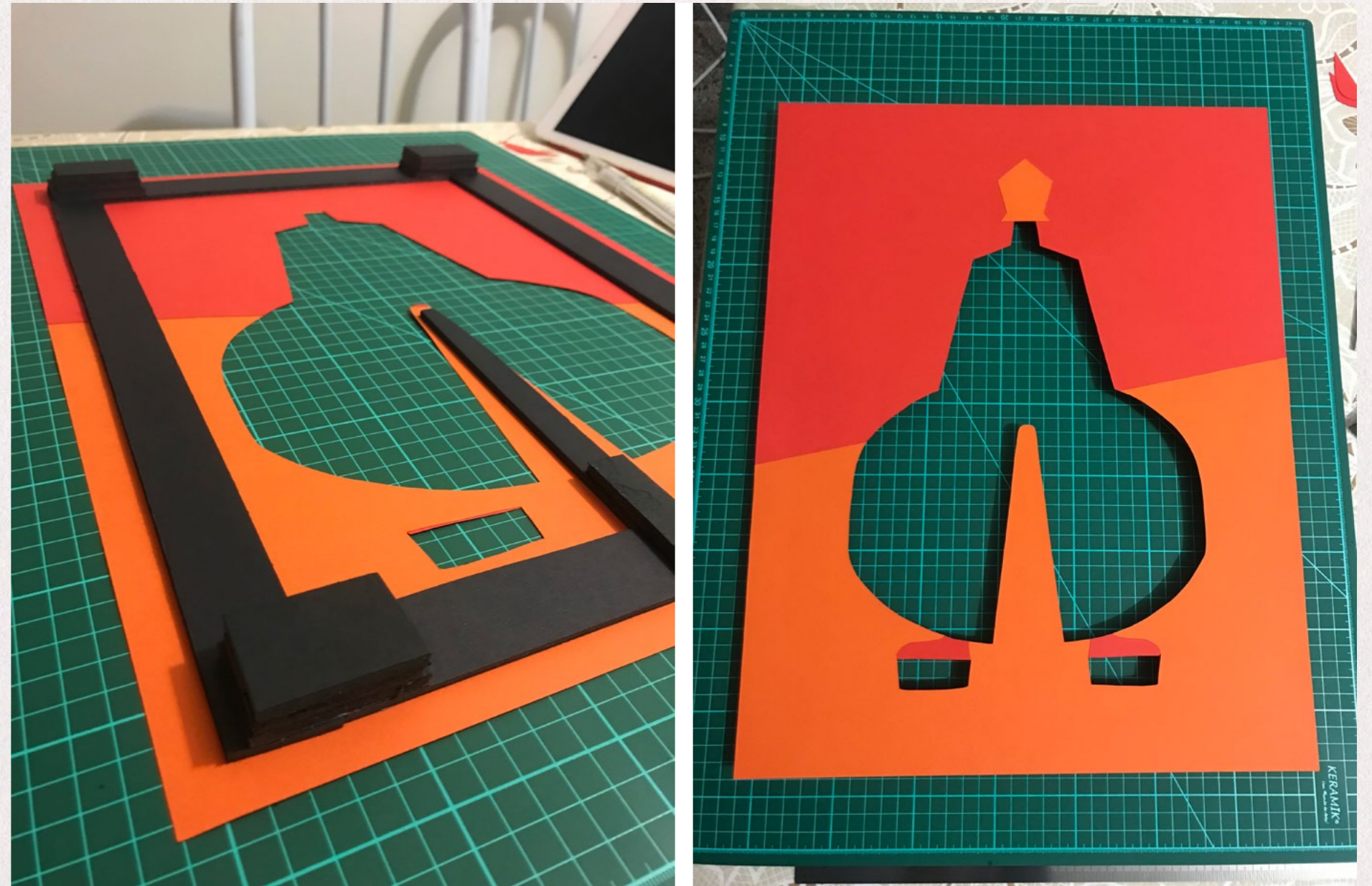
Figuras 83 a 86: Processo de montagem.

A moldura de *foam board* com a haste no centro deram a sustentação necessária para a estrutura ficar estável.

Após finalizada, essa ilustração ficou ainda mais interessante do que eu havia imaginado. Embora muito trabalhosa, foi uma das mais rápidas de ser feita, pois como eu já tinha plena certeza de como ia fazê-la desde o início, não houve muito espaço para imprevistos.



**Figura 87:** Folhas coloridas principais, já coladas. Ao lado, o gabarito.



**Figura 88:** A moldura de *foam board* com a haste no centro deram a sustentação necessária para a estrutura ficar estável.



Figura 89: Arte "Fashion" finalizada.  
Foto por Victor Vieira.

Fig. 90



Fig. 91



Fig. 93



Fig. 94



Fig. 92



Fotos por Victor Vieira.

## Heroes o renascimento em um novo lar

Se a “era Ziggy”, na primeira metade dos anos 1970, foi extremamente profícua para a carreira de Bowie, o mesmo não pode ser dito sobre sua saúde mental e física. O abuso de drogas era comum, principalmente entre a classe artística em Los Angeles, considerada então a capital mundial da cocaína, e com Bowie não foi diferente.

O músico estava no auge de sua forma, aos vinte e poucos anos, com sua carreira indo de vento e popa. O uso de cocaína, não só recreativo, mas também para se manter acordado e aguentar a pesada rotina de shows, o transformou em um viciado. Lendas dizem que o artista passou semanas se “alimentando” apenas de leite, pimentas e cocaína.

Sua persona nesse período era o elegante The Thin White Duke. Bowie lembrava a época em que morou em Los Angeles como “o período mais sombrio de minha vida”. Embora o vício não chegou a influenciar negativamente a qualidade de seu trabalho, em seu torpor constante ele se viu completamente desconectado da realidade e de sua própria personalidade. Chegou até mesmo a flertar com alguns

ideiais fascistas na época, algo que repreendeu anos depois, após se afastar da persona do Duke.

Felizmente, quando percebeu que estava trilhando um caminho perigoso, Bowie decidiu parar e cuidar de si. Voltou para a Europa em 1976, dessa vez para morar em Berlim, onde tratou de seu vício. A capital alemã, em contrapartida, era conhecida na época pelo indiscriminado uso de heroína por parte de sua população. Bowie, no entanto, dizia que nunca teve muito gosto por heroína, e após um duro período de reabilitação, permaneceu sóbrio para o resto de sua vida. De fato, o músico disse em entrevistas posteriores que nem mesmo o consumo social de álcool o interessava mais, e que se sentia bem assim.

Longe de ser uma cidade ordinária, Berlim vivia um intenso período de efervescência política e cultural. Era a época em que a contracultura *punk* estava à tona, e a cidade estava dividida pelo Muro de Berlim. David Bowie, é claro, vivia na Berlim Ocidental, regida pela política das nações capitalistas. Em seu período morando lá, produziu três de

seus álbuns mais criticamente aclamados, em colaboração com Brian Eno: “Low” (1977), “Heroes” (1977) e “Lodger” (1979) conhecidos como a “Trilogia de Berlim”. Altamente experimentais, a trilogia é tida como um marco do amadurecimento técnico na carreira de Bowie.

**Figura 95:** Bowie como *The Thin White Duke*, 1976.  
Foto de Andrew Kent.

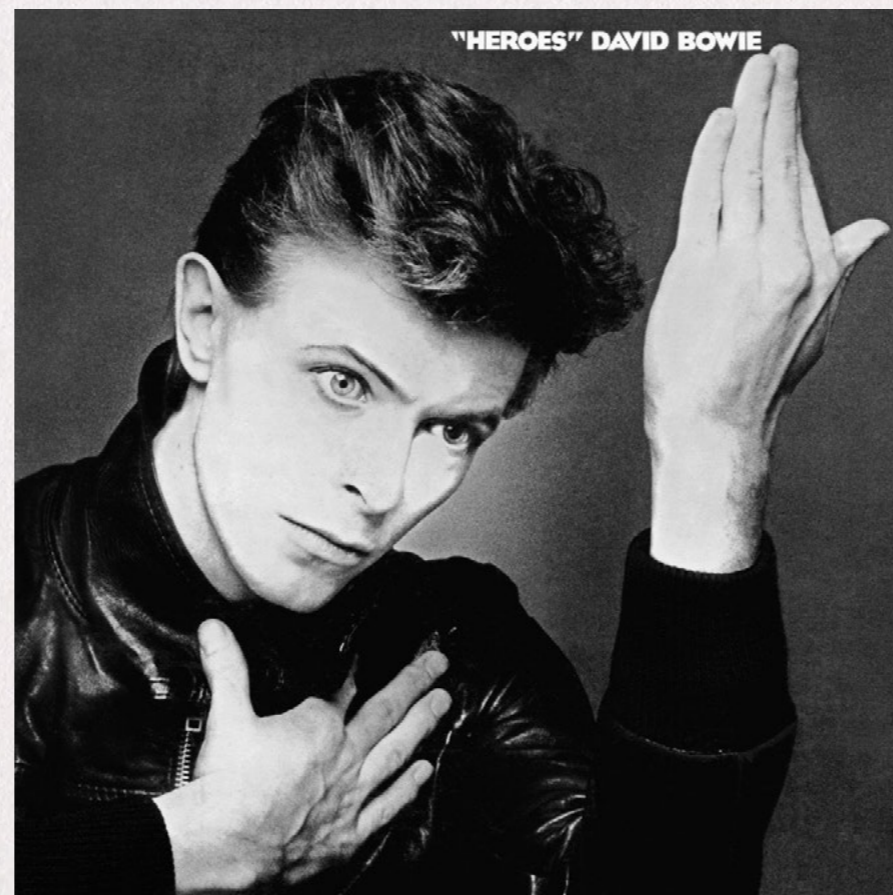


Dentre os três álbuns, “Heroes” foi o de maior sucesso, e escolhi a canção de mesmo nome para batizar a quinta arte do projeto Bowie de Papel, que busca representar o período em que o artista viveu na capital alemã.



**Figura 96:** Cópia do photoshoot feito para a capa do álbum *Heroes*. Marcada em vermelho está a foto que foi escolhida, 1977. Foto de Masayoshi Sukita.

**Figura 97:** Capa do álbum *Heroes*, 1977



Ao contrário do que vinha fazendo, decidi voltar às origens e me inspirar mais diretamente na música para o conceito da ilustração. Embora a canção tenha um tom obscuro, ela é considerada um hino do otimismo e resiliência, e foi com esse aspecto que eu quis trabalhar. Sua letra conta sobre um casal que se encontra perto do muro e que, apesar de todas as adversidades que os impedem de ficar juntos, ao menos por um dia eles podem resistir contra tudo e estar perto um do outro. Apenas por um dia eles podem ser heróis de sua própria história.



**Figura 98:** Primeiros sketches, que trazem Bowie como figura central. Em todos os meus esboços o fundo está repleto de edifícios, que representam a forte influência que a cidade de Berlim teve em seu trabalho.



**Figura 99:** *Sketch escolhido para a arte final.*



**Figura 100:** *Versão final vetorizada.*

Nessa arte quis experimentar o uso de ilustração à mão combinada com os recortes, para elevar o nível da representação dos prédios ao fundo. Como os edifícios representam a pulsante cultura da cidade, não quis de maneira alguma que eles parecessem simplórios.

Como desenhar à mão livre nunca foi meu forte, ilustrar os 21 edifícios foi sem dúvida a parte mais difícil e trabalhosa. Em vários casos eu refiz do zero até ficar satisfeito com o desenho. Todos foram feitos diretamente com canteta, pois queria fazer algo pouco planejado e incorporar meus pequenos erros.



Figura 102: Essa peça específica remete ao Muro de Berlim.

Figura 101: Detalhes de alguns edifícios. Aqui tentei desenhar com um traço descontraído e que trouxesse um pouco de personalidade.





Figura 103: Arte "Heroes" finalizada.  
Foto por Victor Vieira.

Fig. 104



Fig. 105



Fig. 107

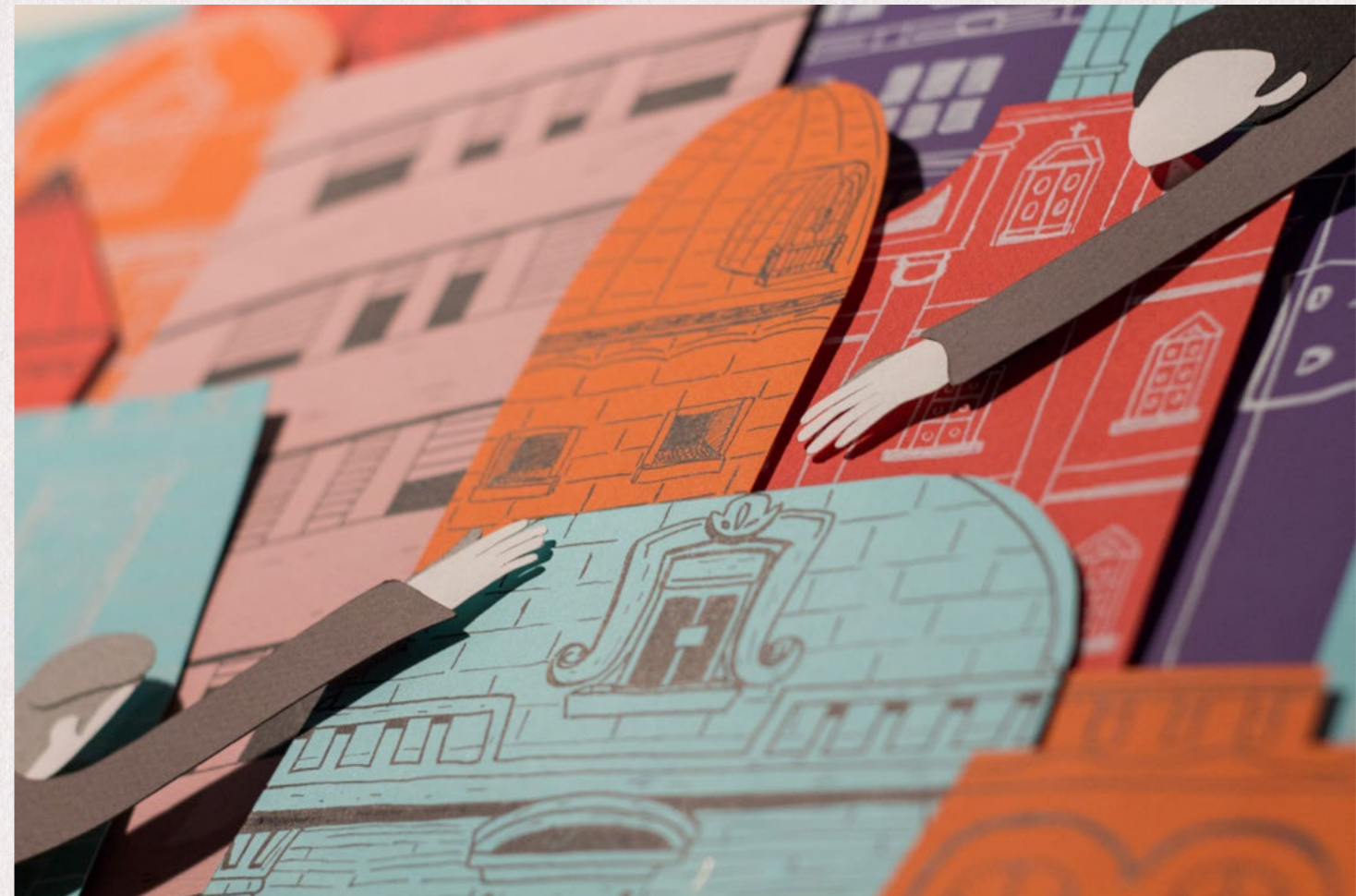


Fig. 106



Fotos por Victor Vieira.

## Changes a constante reinvenção

Bowie é comumente chamado de “Camaleão do Rock”, e ele merece tal alcunha. Como vimos até aqui, ao longo da carreira ele transitou entre diferentes gêneros musicais, estilos, tipos de arte, visuais e até personalidades. Essa inquietação que o impedia de fazer a mesma coisa por muito tempo é o que faz seu legado ser tão único. Poucos artistas podem dizer que saíram tanto de sua zona de conforto quanto David Bowie.

Essa pluralidade era um dos aspectos que eu pretendia abordar nesse projeto, criando uma ilustração inspirada na música “Changes”, de 1972. No entanto, muitas etapas do projeto demoraram bem mais do que previ, e eu não mais teria tempo hábil para executar sete ilustrações. Para não sacrificar a qualidade em prol de um número, decidi cancelar essa arte e dedicar meus esforços à última, “Blackstar”, cuja criação sempre foi uma prioridade para mim.

Foi uma decisão difícil, mas creio que a diversidade do legado que Bowie deixou está, de certa forma, representada pelas outras seis artes e seus diferentes formatos e estéticas.

## Blackstar e a morte

David Bowie faleceu no dia 10 de janeiro de 2016, aos 69 anos, após 18 meses de luta contra um câncer no fígado. Essa notícia pegou o mundo de surpresa, pois o cantor havia mantido seu estado de saúde em segredo durante todo esse tempo. Dois dias antes, no dia 8 de janeiro, ele havia lançado o que veio a ser seu último álbum em vida, “Blackstar”.

O fato de que Bowie morreu e, mais do que isso, tinha pleno conhecimento prévio de sua morte iminente, mudou completamente a interpretação que foi dada à obra. O álbum nada mais é do que um ensaio de Bowie sobre a própria morte. Os dois belíssimos clipes lançados com as músicas do disco corroboram completamente para essa teoria.

*Blackstar* é um termo usado na medicina para se referir a alguns tipos de câncer. Nas letras das canções ele traz, nunca de maneira muito explícita, o subtexto que nos permite encarar este último trabalho como um auto-epitáfio.

Embora seja muito difícil encontrar alguém que se sinta “pronto” para deixar esse mundo, foi dada

a Bowie a rara oportunidade (ou maldição) de saber previamente que seu momento chegou. Ele usou isso a seu favor, e aproveitou cada segundo. David Bowie certamente ainda tinha muito a oferecer, e deixou isso bem claro ao transformar a própria morte em uma de suas mais belas obras, um verdadeiro último presente para os fãs.

**Figura 108:** À esquerda, a capa original, e à direita, a capa alternativa do álbum *Blackstar*. Ambas foram criadas pelo designer britânico Jonathan Barnbrook, que vinha trabalhando com Bowie no design de seus discos desde 2002.



A morte não é um assunto agradável, ainda que seja extremamente importante de ser abordado. A arte é a melhor ferramenta para fazer isso, pois nos permite expressar nossa própria experiência de maneira pessoal e subjetiva. Na peça que fiz para “Blackstar”, a que finaliza esse projeto, é difícil para mim saber se estou representando com sucesso a interpretação de Bowie sobre a morte, ou se estou apenas aplicando minhas próprias convicções sobre o tema. Prefiro deixar tal reflexão para o espectador.

Dentre tudo que fiz para TCC, essa arte foi a primeira ideia que eu tive. Lá no início do projeto eu sabia como ela deveria ser. Um buraco, escuro, numa superfície clara, do qual não sabemos o que esperar. Queria fazer algo um pouco incômodo de se olhar, ainda que fascinante o bastante para se querer ver de perto.

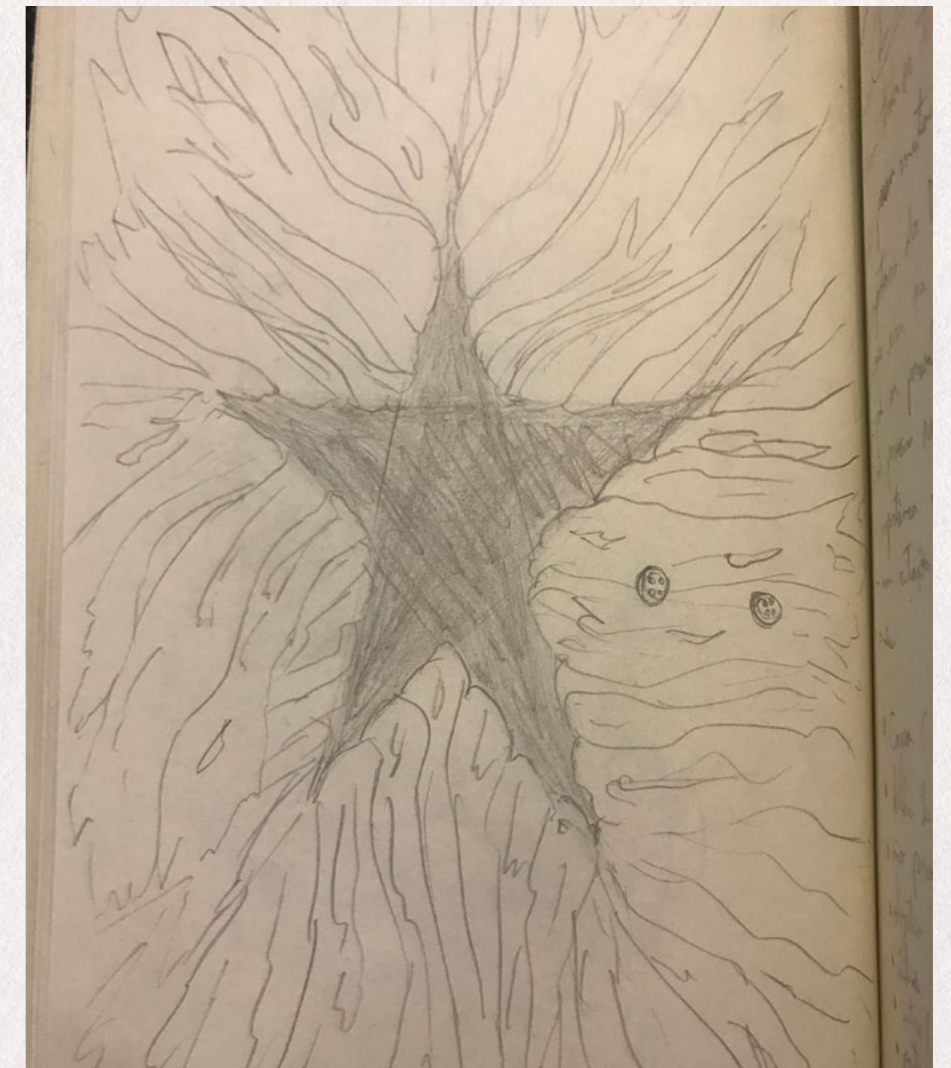


**Figura 109:** Bowie em uma cama de hospital e com botões sobre os olhos, no clipe de Lazarus, lançado um dia antes do álbum.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=y-JqH1M4Ya8>

Deixei essa ilustração por último não só porque ela remete ao último trabalho de Bowie, mas também porque sabia que, ao final do projeto, minhas habilidades e conhecimento técnico sobre os materiais estariam consideravelmente melhores. Queria ser especialmente cuidadoso nessa execução. Essa foi uma decisão acertada, pois acaba que essa foi, de longe, a mais complexa e trabalhosa de todas as artes.

Para essa ilustração, achei necessário fazer um esboço detalhado das formas em uma folha A3, para facilitar meu trabalho no ilustrator e garantir que as formas ficassem bem orgânicas.



**Figura 110:** Primeiro sketch, que me ajudou a ter uma ideia geral de como poderia ficar

Figura 111: Para essa ilustração, achei necessário fazer um esboço detalhado das formas em uma folha A3, para facilitar meu trabalho no ilustrator e garantir que as formas ficassem bem orgânicas.

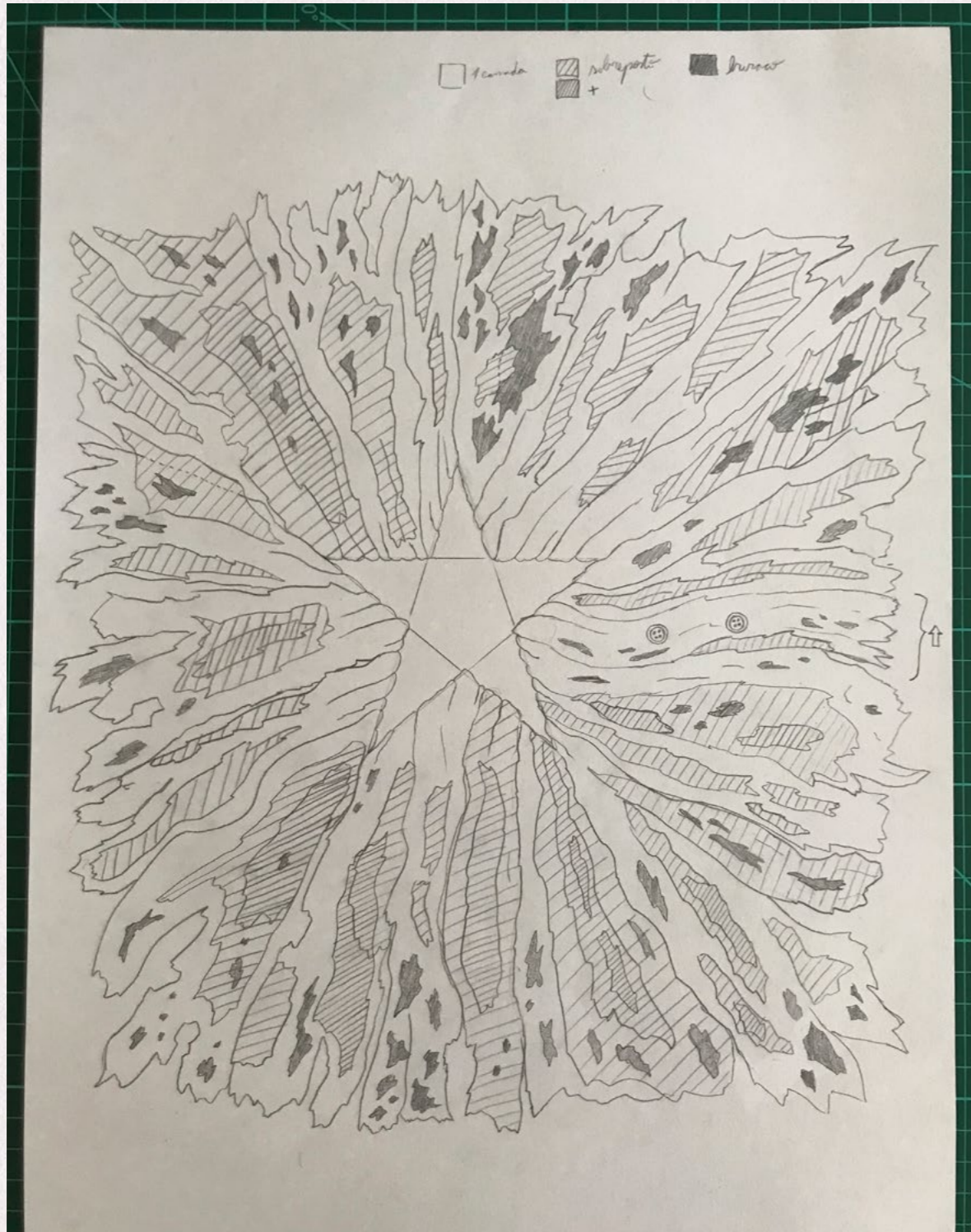


Figura 112: Versão final vetorizada.

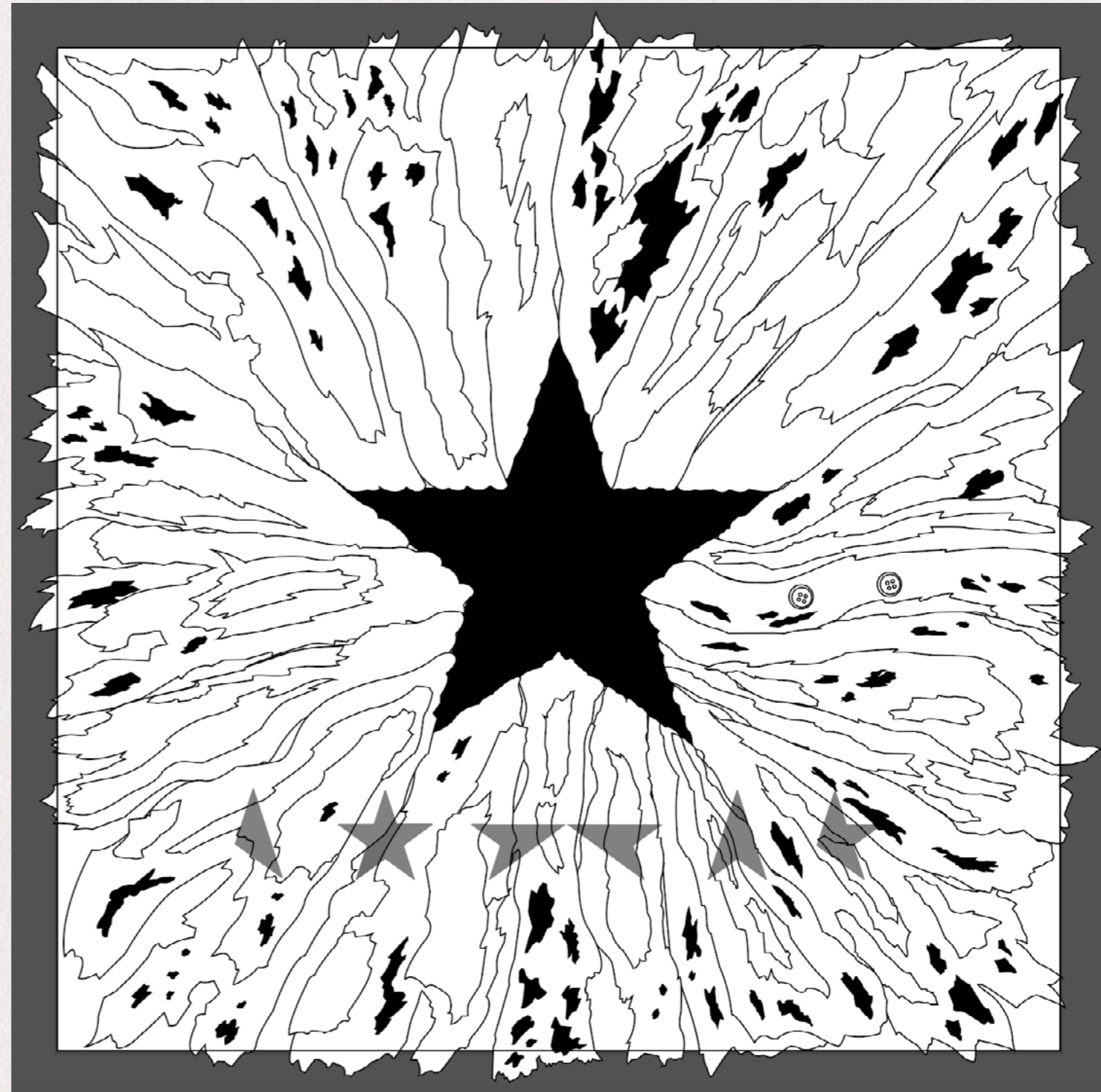


Fig. 113



Fig. 114



Fig. 115

Como queria que a estrela fosse um buraco fundo, precisei criar uma estrutura diferenciada para a traseira, semelhante a uma caixa, toda feita com *foam board*. Para criar um contraste com a estrela e ser o mais sóbrio possível, optei por usar apenas branco e preto em todos os elementos.

**Figuras 113 a 115:** *Construção da caixa feita para ser usada de fundo. Tinha que ser bem fechada de todos os lados pois não queria que nenhuma luz entrasse.*

*Fotos por Victor Vieira.*

Trabalhei também com dobra nas mais de 80 peças da composição. Como todas as partes são brancas, quis me assegurar de que elas ainda assim tivessem bastante volume. O fundo atingiu o preto absoluto que eu queria, fiquei bastante satisfeito com o resultado.

**Fig. 116**



**Fig. 117**



**Fig. 118**

**Figuras 116 a 119: Processo de montagem.**  
*Fotos por Victor Vieira.*

**Fig. 119**





**Figura 120:** Arte *“Blackstar”* finalizada.  
*Foto por Victor Vieira.*

Fig. 121



Fig. 122



Fig. 123



Fig. 124



Fig. 125

*Fotos por Victor Vieira.*

## Logo

Criei um logo simples para acompanhar o projeto. Minha principal preocupação, novamente, era que o logo fosse completamente executável em papel, pois já tinha em mente fazer algum material de divulgação. Aqui, pela primeira vez, me permiti fazer alusão à capa de “Alladin Sane” e seu raio, para criar uma conexão instantânea com o público.

A tipografia usada é uma versão customizada de Lao MN, e Gill Sans Bold para a segunda linha.



Figura 126: Versão colorida



Figura 127: Versão monocromática

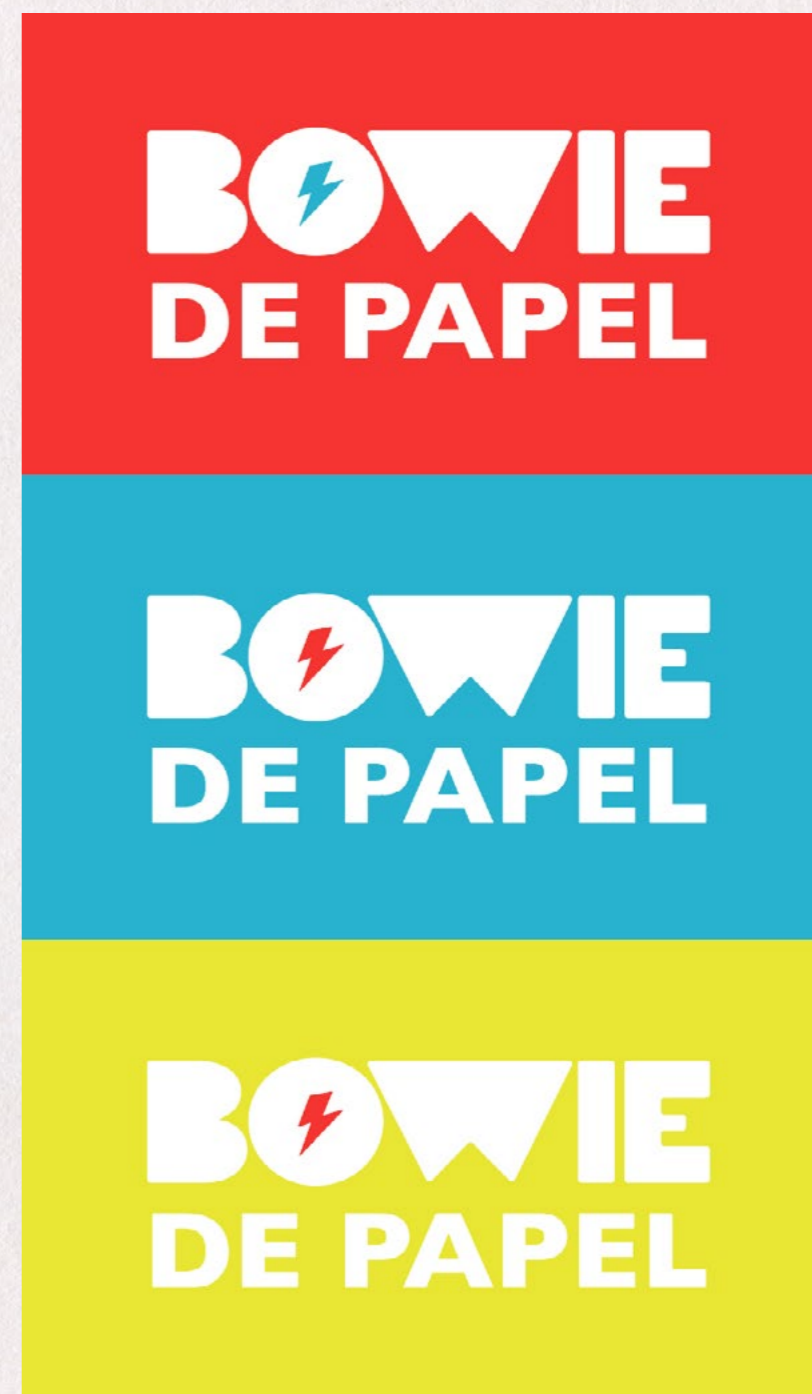


Figura 128: Aplicações em fundo colorido



Figura 129: Marcadores de página magnéticos planejados

Figura 130: Marcadores de página.  
Fotos por Michelle Damini



Também criei uma coleção de marcadores de página magnéticos. São 12 estampas que fiz aproveitando os grafismos que desenvolvi, e o material gráfico de “Blackstar” que Jonathan Barnbrook disponibilizou online gratuitamente para ser utilizado sem uso comercial.

Os marcadores serão dados de brinde após a apresentação deste TCC.



# Considerações Finais

Bowie de Papel foi uma longa jornada, na qual eu encarei várias inseguranças que tinha quanto a minha capacidade de ilustrar e de produzir algo manualmente. Sem dúvida meus ganhos com esse projeto são inestimáveis.

Do ponto de vista técnico, consegui adquirir uma habilidade completamente nova, apenas com observação e com meus próprios erros. Ilustrar com *paper art* se tornou uma paixão, uma técnica que continuarei fazendo e evoluindo, para que quem sabe algum dia eu alcance o nível dos artistas que tanto me inspiraram para esse projeto. Também tenho forte apreço por essa combinação do analógico com o digital que tanto usei aqui, e pretendo perpetuar isso em futuros trabalhos.

Outro grande presente para mim foi a descoberta de que um artista que eu já admirava desde a infância é uma pessoa ainda mais fascinante quando analisado mais a fundo. David Bowie é e sempre será um objeto de fascínio para mim, e me aprofundar em seu legado, observar sua maneira de pensar, juntamente com sua história, foi extremamente

prazeroso. Estudar Bowie, afinal, é estudar também a história da música e do cinema. É descobrir como as discussões que tangem gênero e sexualidade chegaram no nível de liberdade que temos hoje. É entender o jeito de pensar de uma das pessoas que ajudou a transformar a cultura popular ocidental no último século.

Bowie pode ter nos deixado, mas seu legado continuará inspirando muitos jovens como eu. Ele ainda será um herói por muitos e muitos dias.

## Créditos de imagens

As imagens de abertura das páginas 1, 7, 17, 21 e 73 são fotos tiradas por Victor Vieira.

As imagens usadas nas páginas 11, 13, 14, 15 e 16 são propriedade de seus respectivos autores.

Todo material imagético relacionado ao David Bowie (incluindo fotos históricas, capas de álbum e cartazes) usado nesse relatório é de propriedade de seus respectivos autores, creditados nas legendas, ou empresas proprietárias.

Todas as imagens do processo que não apresentam fonte na legenda são do autor deste projeto.

## Referências Bibliográficas

ALTEMBURG, Alida. DAVID BOWIE: MUSIC, ART AND FASHION. 2014. Disponível em: <<http://alida-altenburg.com/david-bowie/>>. Acesso em: 11 maio 2018

BANKS, Alec. The 4 Japanese Luminaries Who Helped Shape David Bowie's Signature Look & Sound. 2017. Disponível em: <<https://www.highsnobiety.com/2017/01/12/david-bowie-japan-kansai-yamamoto/>>. Acesso em: 14 maio 2018

BROOKS, Katherine. For The Love Of Ziggy Stardust, These Vintage Photos Of Bowie Are Just Sublime. 2015. Disponível em: <[https://www.huffpostbrasil.com/entry/david-bowie-mick-rock\\_us\\_55f722d6e4b063ecbfa5397b](https://www.huffpostbrasil.com/entry/david-bowie-mick-rock_us_55f722d6e4b063ecbfa5397b)>. Acesso em: 11 maio 2018

David Bowie is: blowing our minds. Victoria and Albert Museum. 2013. Disponível em: <<http://www.vam.ac.uk/content/videos/d/david-bowie-is-blowing-our-minds/>>. Acesso em: 29 abril 2018

DAVID BOWIE - METAMORPHOSIS- AN ECLECTIC DOCUMENTARY. Not Only Fashion Caffé. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BBKI5ZCOREg>>. Acesso em: 29 abril 2018

David Bowie: The Last Five Years. Direção: Francis Whately. Reino Unido. Cópia digital.

DEWEAVER, James. David Bowie '04 talks Ziggy Stardust, John Lennon, Aleister Crowley. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zX0ZVQhEnEc>>. Acesso em: 11 maio 2018

FISHER, Max. David Bowie at the Berlin Wall: the incredible story of a concert and its role in history. 2016. Disponível em: <<https://www.vox.com/2016/1/11/10749546/david-bowie-berlin-wall-heroes>>. Acesso em: 14 maio 2018

GINSBERG, Merle. The Japanese Designer Who Helped Turn David Bowie Into Ziggy Stardust Speaks. 2016. Disponível em: <<https://www.hollywoodreporter.com/news/japanese-designer-who-helped-turn-875547>>. Acesso em: 14 maio 2018

HAYASAKA, Enio; NISHIDA, Silvia. A origem do Papel. 20-?. Disponível em: <[http://www2.ibb.unesp.br/Museu\\_Escola/Ensino\\_Fundamental/Origami/Documentos/indice\\_origami\\_papel.htm](http://www2.ibb.unesp.br/Museu_Escola/Ensino_Fundamental/Origami/Documentos/indice_origami_papel.htm)>. Acesso em: 6 abril 2018

HERMES, Will. David Bowie's 'Heroes': How Berlin Shaped Eclectic 1977 Masterpiece. 2016. Disponível em: <<https://www.rollingstone.com/music/features/david-bowies-heroes-how-berlin-shaped-1977-masterpiece-w444764>>. Acesso em: 28 março 2018

ILIN, Anna. Tracing West Berlin's 70s and 80s subculture. 2013. Disponível em: <<http://www.dw.com/en/tracing-west-berlins-70s-and-80s-subculture/a-16615845>>. Acesso em: 28 março 2018

JONES, Rob. 16 David Bowie Personas That Make Him Immortal. 2016. Disponível em: <<https://thedeletebin.com/2016/02/08/16-david-bowie-personas-that-make-him-immortal/>>. Acesso em: 22 abril 2018

KOSSOFF, Julian. Apollo 11 Moon landing: Moon music. 2009. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/news/science/space/5871370/Apollo-11-moon-landing-Moon-music.html>> . Acesso em: 22 abril 2018

LIE, Christian. Understanding David Bowie's Characters. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QSKCfX-Stn8>>. Acesso em: 29 abril 2018

PAYTRESS, M. Bowie Style. Londres: Omnibus Press. 2000.

PEGG, N. The Complete David Bowie. Reynolds & Hearn Ltd. 2000.

QUANTICK, David. David Bowie: 1977, back from the abyss and changing music forever... 2012. Disponível em: <<https://www.loudersound.com/features/david-bowie-1977-back-from-the-abyss-and-changing-music-forever>>. Acesso em: 28 março 2018

SHAPERS OF THE 80S. Burretti movie adds an epic and essential chapter to the Bowie story. 2015. Disponível em: <<https://shapersofthe80s.com/2015/11/26/-burretti-movie-adds-an-epic-and-essential-chapter-to-the-bowie-story/>>. Acesso em: 6 abril 2018

SLIDMORE, Maisie. Flash of Genius: Photographing Aladdin Sane. 2015. Disponível em: <<http://www.anothermag.com/art-photography/8162/flash-of-genius-photographing-aladdin-sane>>. Acesso em: 11 maio 2018

The Thin White Duke: David Bowie's Darkest Character. Polyphonic. 2018. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=ofeSZJJ\\_fxQ](https://www.youtube.com/watch?v=ofeSZJJ_fxQ)>. Acesso em: 29 abril 2018

VALAREZO, Max. As Faces Cinematográficas de David Bowie. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P05qvdEW-WVQ>>. Acesso em: 22 abril 2018

Website oficial David Bowie. Disponível em: <<https://www.davidbowie.com/>>. Acesso em: 22 abril 2018

YANG, Crystal Hui-Shu. CROSS-CULTURAL EXPERIENCES THROUGH AN EXHIBITION IN CHINA AND SWITZERLAND: "THE ART OF PAPER-CUTTING: EAST MEETS WEST". 2012. The University of Chicago Press, Chicago, 2012.

